

Donald Davidson

Donald Davidson was one of the most important philosophers of the latter half of the twentieth century. His ideas, presented in a series of essays from the 1960's onwards, have been influential across a range of areas from semantic theory through to epistemology and ethics. Davidson's work exhibits a breadth of approach, as well as a unitary and systematic character, which is unusual within twentieth century analytic philosophy. Thus, although he acknowledged an important debt to W. V. O. Quine, Davidson's thought amalgamates influences (though these are not always explicit) from a variety of sources, including Quine, C. I. Lewis, Frank Ramsey, Immanuel Kant and the later Wittgenstein. And while often developed separately, Davidson's ideas nevertheless combine in such a way as to provide a single integrated approach to the problems of knowledge, action, language and mind. The breadth and unity of his thought, in combination with the sometimes-terse character of his prose, means that Davidson is not an easy writer to approach. Yet however demanding his work might sometimes appear, this in no way detracts from either the significance of that work or the influence it has exercised and will undoubtedly continue to exercise. Indeed, in the hands of Richard Rorty and others, and through the widespread translation of his writings, Davidson's ideas have reached an audience that extends far beyond the confines of English-speaking analytic philosophy. Of late twentieth century American philosophers, perhaps only Quine has had a similar reception and influence.

1. Biographical Sketch

Donald Herbert Davidson was born on March 6th, 1917, in Springfield, Massachusetts, USA. He died suddenly, as a consequence of cardiac arrest following knee surgery, on Aug. 27, 2003, in Berkeley, California. Remaining both physically and philosophically active up until his death, Davidson left behind a number of important and unfinished projects including a major book on the nature of predication.

Donald Davidson¹

Donald Davidson foi um dos mais importantes filósofos da última metade do século XX. Suas idéias apresentadas em uma série de ensaios do ano de 1960 em diante, tem sido influentes através de uma faixa de áreas que vai da teoria semântica à ética e epistemologia. O trabalho de Davidson exhibe uma amplitude de abordagem, bem como um caráter unitário e sistemático que são incomuns na filosofia analítica do séc. XX. Assim, embora ele reconheça um importante débito a W. V. O. Quine, o pensamento de Davidson combina influências (embora estas não sejam sempre explícitas) de uma variedade de fontes, incluindo Quine, C. I. Lewis, Frank Ramsey, Immanuel Kant e o segundo Wittgenstein. E, apesar de muitas vezes desenvolvidas separadamente, as idéias de Davidson, contudo, combinam-se de tal forma a proporcionar uma abordagem simples e integrada aos problemas do conhecimento, ação linguagem e mente. A extensão e unidade do seu pensamento, em combinação com a caráter às vezes conciso de sua prosa, significa que Davidson não é um escritor fácil abordar. Todavia, por mais que seu trabalho possa por vezes parecer exigente, isto de forma alguma diminui a importância deste ou a influência que tem exercido e indubitavelmente continuará exercendo. Na verdade, nas mãos de Richard Rorty e outros, e através da difundida tradução de seus escritos, as idéias de Davidson alcançaram uma audiência que se estende para muito além dos confins da filosofia analítica da língua inglesa. Dos filósofos americanos do final do séc. XX, talvez apenas Quine tenha tido receptividade e influência similares.

1. Esboço Biográfico

Donald Herbert Davidson nasceu em 6 de Março de 1917, em Springfield, Massachusetts, USA. Morreu subitamente, em consequência de um ataque cardíaco que se seguiu a uma cirurgia no joelho, em 27 de agosto de 2003, em Berkeley, Califórnia. Permanecendo física e filosoficamente ativo até sua morte, Davidson deixou vários e importantes projetos inacabados, incluindo um livro muito importante sobre a natureza da predicação.

¹ Traduzido da *Stanford Encyclopedia of Philosophy* por João B.V. Pinto. Revisão Técnica de Paulo Margutti. Disponível em <http://plato.stanford.edu/entries/davidson>. Acesso em 01/07/2004.

Davidson completed his undergraduate study at Harvard, graduating in 1939. His early interests were in literature and classics and, as an undergraduate, Davidson was strongly influenced by A. N. Whitehead. After starting graduate work in classical philosophy (completing a Master's degree in 1941), Davidson's studies were interrupted by service with the US Navy in the Mediterranean from 1942-45. He continued work in classical philosophy after the war, graduating from Harvard in 1949 with a dissertation on Plato's 'Philebus' (1990b). By this time, however, the direction of Davidson's thinking had already, under Quine's influence, changed quite dramatically (the two having first met at Harvard in 1939-40) and he had begun to move away from the largely literary and historical concerns that had preoccupied him as an undergraduate towards a more strongly analytical approach.

While his first position was at Queen's College in New York, Davidson spent much of the early part of his career (1951-1967) at Stanford University. He subsequently held positions at Princeton (1967-1970), Rockefeller (1970-1976), and the University of Chicago (1976-1981). From 1981 until his death he worked at the University of California, Berkeley. Davidson was the recipient of a number of award and fellowships and was a visitor at many universities around the world. Davidson was twice married, with his second marriage, in 1984, being to Marcia Cavell, who continues to live and work in Berkeley.

2. Action and Mind

Reasons as Causes

Much of Davidson's early work was in decision theory (see *Decision-Making: An Experimental Approach* [1957]), and it was not until the early 1960's that the work for which he is best known began to appear in print. Indeed, Davidson's first major philosophical publication was the seminal paper 'Actions, Reasons and Causes' (1963). In that paper Davidson sets out to defend the view that the explanation of action by reference to reasons (something we do, for instance, when we

Davidson completou seus estudos universitários em Harvard, graduando-se em 1939. Seus interesses iniciais estavam voltados para literatura e os clássicos e, enquanto estudante de graduação, Davidson foi fortemente influenciado por A. N. Whitehead. Após iniciar seu trabalho de pós-graduação em filosofia clássica (obtendo o grau de mestre em 1941), os estudos de Davidson foram interrompidos pelo serviço militar junto à Marinha dos Estados Unidos, no Mediterrâneo, de 1942 até 1945. Ele continuou a trabalhar em filosofia clássica após a guerra, graduando-se em Harvard em 1949, com uma dissertação sobre o diálogo Filebo de Platão (1990b). Nessa época, contudo, a direção do pensamento de Davidson, já tinha, sob a influência de Quine, mudado dramaticamente (os dois haviam se encontrado pela primeira vez em 1939-40) e ele começou a se afastar dos interesses largamente históricos e literários que o haviam ocupado anteriormente como aluno de graduação em direção a uma abordagem mais fortemente analítica.

Apesar de seu primeiro emprego ter sido no Queen's College em Nova York, Davidson consumiu muito da sua carreira inicial (1951-67) na Universidade Stanford. Subseqüentemente, ele ocupou cargos em Princeton (1967-70), Rockefeller (1970-76), e na Universidade de Chicago (1976-81). De 1981 até sua morte, ele trabalhou na Universidade da Califórnia, Berkeley. Davidson recebeu vários prêmios e bolsas de estudo e foi professor visitante em várias universidades ao redor do mundo. Davidson casou-se duas vezes, sendo seu segundo casamento com Márcia Cavell, em 1984, que continua a viver e trabalhar em Berkeley.

2. Ação e Mente

Razões como Causas

Muitos dos primeiros trabalhos de Davidson foram sobre a teoria da decisão (Ver *Decision-Making: An Experimental Approach* [1957]), e não foi antes do início da década de 60 que o trabalho através do qual ele é mais conhecido começou a ser publicado. Na verdade, a primeira publicação filosófica relevante de Davidson foi o artigo seminal 'Actions, Reasons and Causes' (1963). Naquele artigo, Davidson tenta defender a opinião de que a explicação da ação por referência a razões (alguma coisa que

refer to an agent's intentions or motives in acting) is also a form of causal explanation. Indeed, he argues that reasons explain actions just inasmuch as they are the causes of those actions. This approach was in clear opposition to the Wittgensteinian orthodoxy of the time. On this latter account causal explanation was viewed as essentially a matter of showing the event to be explained as an instance of some law-like regularity (as we might explain the whistling of a kettle by reference to certain laws involving, among other things, the behaviour of gases under pressure). Since rational explanation was held, in general, not to involve any such reference to laws, but rather required showing how the action fitted into some larger pattern of rational behaviour, explanation by reference to reasons was held to be distinct from and independent of explanation by reference to causes.

Although directed against the Wittgensteinian-inspired view that reasons cannot be causes, Davidson's argument nevertheless effectively redeploys a number of Wittgensteinian notions. Two ideas play an especially significant role in the Davidsonian account — ideas that are also, in one form or another, important in Davidson's thinking elsewhere. The first of these ideas is the notion of a 'primary reason' — the pairing of a belief and a desire (or 'pro-attitude') in the light of which an action is explained. Thus, my action of flipping the light switch can be explained by reference to my having the *belief* that flipping the switch turns on the light in combination with my having the *desire* to turn on the light (for most explanations explicit reference to both the belief and the desire is unnecessary). An action is thus rendered intelligible through being embedded in a broader system of attitudes attributable to the agent — through being embedded, that is, in a broader framework of *rationality*. The second idea is that of action 'under a description' (a phrase originally appearing in G. E. M. Anscombe's *Intention*, published in 1959). As with the concept of a primary reason the idea here is simple enough: one and the same action is always amenable to more than one correct description. This idea is especially important, however, as it provides a means by which the

fazemos, por exemplo, quando nos referimos a intenções ou motivos para agir de um agente) é também uma forma de explicação causal. Com efeito, ele argumenta que razões explicam ações exatamente à medida que elas são as causas daquelas ações. Esta abordagem estava em clara oposição à ortodoxia wittgensteiniana da época. Nessa última explicação, a explanação causal era vista essencialmente como uma questão de mostrar o evento a ser explicado como uma instância de regularidade semelhante a uma lei (assim como poderíamos explicar o silvo de uma chaleira por referência a certas leis envolvendo, entre outras coisas, o comportamento de gases sob pressão). Visto que a explicação racional era vista, em geral, como não envolvendo qualquer referência a leis, mas antes exigia mostrar como a ação se encaixava em algum padrão maior de comportamento racional, a explicação por referência a razões era considerada distinta e independente da explicação por referência a causas.

Embora dirigido contra a opinião, inspirada em Wittgenstein, de que razões não podem ser causas, o argumento de Davidson, contudo, efetivamente redesenvolve várias das noções wittgensteinianas. Duas idéias desempenham um papel especialmente significativo na explicação de Davidson — idéias que são também, de uma forma ou de outra, importantes no pensamento de Davidson em outros lugares. A primeira dessas idéias é a noção de 'razão primária' — o emparelhamento de uma crença e um desejo (ou 'pró-atitude') à luz da qual uma ação é explicada. Assim, minha ação de apertar o interruptor de luz pode ser explicada por referência a eu ter a *crença* de que, apertando-o, ligo a lâmpada em combinação com eu ter o *desejo* de ligar a lâmpada (para a maioria das explanações, a referência explícita a ambos, a crença e o desejo, é desnecessária). Uma ação se torna assim inteligível, ao ser inserida em um sistema mais amplo de atitudes atribuíveis ao agente — ou seja, ao ser inserida em uma moldura mais ampla de *racionalidade*. A segunda idéia é aquela de 'ação sob uma descrição' (uma frase que apareceu originalmente *Intention*, de G. E. M. Anscombe, publicado em 1959). Similarmente ao conceito de razão primária, a idéia aqui é simples o suficiente: a mesma ação é sempre redutível a mais de uma descrição correta. Esta idéia é especialmente importante, contudo, já que

same item of behaviour can be understood as intentional under some descriptions but not under others. Thus my action of flipping the light switch can be redescribed as the act of turning on the light (under which it is intentional) and also as the act of alerting the prowler who, unbeknown to me, is lurking in the bushes outside (under which it is unintentional). Generalising this point we can say that the same event can be referred to under quite disparate descriptions: the event of alerting the prowler is the same event as my flipping the light switch which is the same event as my moving of my body (or a part of my body) in a certain way.

Davidson treats the connection between reason and action (where the reason is indeed *the* reason for the action) as a connection that obtains between two events (the agent's believing and desiring on the one hand and her acting on the other) that can be variously described. The connection is both rational, inasmuch as the belief-desire pair (the 'primary reason') specifies the reason for the action, but it is also causal, inasmuch as the one event causes the other if it is indeed the reason for it. It is precisely because the reason is causally related to the action that the action can be explained by reference to the reason. Indeed, where an agent has a number of reasons for acting, and yet acts on the basis of one reason in particular, there is no way to pick out just that reason on which the agent acts other than by saying that it is the reason that *caused* her action.

Understood as rational the connection between reason and action cannot be described in terms of any strict law. Yet inasmuch as the connection is also a causal connection, so there must exist some law-like regularity, though not describable in the language of rationality, under which the events in question fall (an explanation can be causal, then, even though it does not specify any strict law). Davidson is thus able to maintain that rational explanation need not involve explicit reference to any law-like regularity, while nevertheless also holding that there must be some such regularity that underlies the rational connection just inasmuch as it is causal. Moreover, since Davidson resists the idea that rational explanations can be formulated in the terms of a

proporciona um meio pelo qual o mesmo item de comportamento pode ser entendido como intencional sob certas descrições, mas não sob outras. Assim, minha ação de apertar o interruptor pode ser redescreta como o ato de acender a luz (sob o que é intencional) e também como o ato de alertar o ladrão que, sem que eu o saiba, está espiando escondido nos arbustos, do lado de fora (sob o que é não intencional). Generalizando este ponto, podemos dizer que se pode fazer referência ao mesmo evento sob descrições bastante discrepantes: o evento de alertar o ladrão é o mesmo evento que o de apertar o interruptor, que é o mesmo evento de mover meu corpo (ou parte dele), de um certo modo.

Davidson trata a conexão entre razão e ação (em que a razão é, na verdade, *a* razão para a ação) como uma conexão que se obtém entre dois eventos (a crença e o desejo do agente, por um lado, e seu ato, por outro), que pode ser descrita de diversas maneiras. A conexão é racional, à medida que o par crença-desejo (a 'razão primária') especifica a razão para a ação, mas é também causal, à medida que um evento causa o outro se é, de fato, a razão para ele. É exatamente porque a razão está relacionada de forma causal à ação que a ação pode ser explicada por referência à razão. Por certo, onde um agente tem várias razões para agir e mesmo assim age com base em uma razão particular, não há outra maneira de escolher exatamente aquela razão pela qual o agente age a não ser dizendo que é aquela razão que *causou* a ação.

Entendida como racional, a conexão entre razão e ação não pode ser descrita em termos de qualquer lei estrita. Todavia, a medida que a conexão é também uma conexão causal, então deve existir alguma regularidade semelhante a uma lei, embora não descritível na linguagem da racionalidade, sob a qual os eventos em questão se enquadram (uma explicação pode ser causal, então, mesmo que não especifique uma lei estrita qualquer). Davidson é assim capaz de manter que a explicação racional não precisa envolver referência explícita a qualquer regularidade semelhante a uma lei, contudo mantendo, ao mesmo tempo, que deve haver alguma regularidade deste tipo que subjaz à conexão racional justamente à medida que é causal. Além disso, visto que Davidson resiste à idéia de que

predictive science, so he seems committed to denying that there can be any reduction of rational to non-rational explanation.

The Anomalism of the Mental

The more developed argument for this latter claim, and for the more general position in the philosophy of mind, of which it forms a part, appears at a number of places in Davidson's work. The first and best-known presentation is that of 'Mental Events' (1970a) in which Davidson argues for the compatibility of three principles (all three of which are adumbrated in various ways in the argument of 'Actions, Reasons and Causes'): (i) that at least some mental events interact causally with physical events — '*The Principle of Causal Interaction*'; (ii) that events related as cause and effect fall under strict laws (that is, laws that are 'precise, explicit and as exceptionless as possible') — '*The Principle of the Nomological Character of Causality*'; and (iii) that there are no strict laws (as opposed to mere generalisations) relating mental and physical events — '*The Anomalism of the Mental*'. Of these principles the first two would ordinarily be held to be incompatible with the third, and to imply, not the 'anomalism' of the mental, but rather, in the case of mental and physical events related as cause and effect, the existence of strict laws relating those events. To argue, as does Davidson, for the compatibility of the original principles is thus also to argue for the truth of the third, that is, for the truth of anomalism monism.

Davidson holds that events are particulars such that the same event can be referred to under more than one description. He also holds that events that are causally related must be related under some strict law. However, since Davidson takes laws to be linguistic entities, so they can relate events only as those events are given under specific descriptions. Thus, as was already evident in Davidson's approach to the theory of action, the same pair of events may instantiate a law under one description, but not under others.

explicações racionais podem ser formuladas em termos de uma ciência profética, ele parece estar, então, comprometido em negar que possa haver qualquer redução da explanação racional à não racional.

A Anomalia do Mental

O argumento mais desenvolvido para essa última alegação, e para a posição mais geral na filosofia da mente, da qual ele forma uma parte, aparece em vários pontos do trabalho de Davidson. A primeira e mais conhecida apresentação é aquela dos 'Mental Events' (1970a), na qual Davidson argumenta pela compatibilidade de três princípios (todos os três esboçados de vários modos no argumento de 'Ações, Razões e Causas'): (i) que pelo menos alguns eventos mentais interagem de forma causal com eventos físicos — '*O Princípio da Interação Causal*'; (ii) que eventos relacionados como causa e efeito se enquadram em leis estritas (isto é, leis que são 'precisas, explícitas e tão desprovidas de exceções quanto possível') — '*O Princípio do Caráter Nomológico da Causalidade*'; e (iii) que não há leis estritas (em oposição a meras generalizações) relacionado eventos físicos e mentais — '*A Anomalia do Mental*'. Desses princípios, os dois primeiros seriam ordinariamente considerados incompatíveis com o terceiro e implicando não a 'anomalia' do mental, mas, antes, no caso de eventos físicos e mentais relacionados como causa e efeito, a existência de leis estritas relacionando aqueles eventos. Argumentar, como faz Davidson, pela compatibilidade dos princípios originais é, assim, também argumentar pela verdade do terceiro, isto é, pela verdade do monismo anômalo.

Davidson sustenta que eventos são entidades singulares de tal forma que se possa referir ao mesmo evento sob mais de uma descrição. Ele também sustenta que eventos que são causalmente relacionados devem ser relacionados sob alguma lei estrita. Contudo, como Davidson pensa serem as leis entidades lingüísticas, então elas podem relacionar eventos apenas quando aqueles eventos são dados sob descrições específicas. Assim, como já estava evidente na abordagem de Davidson da teoria da ação, o

There is, for example, no strict law that relates, under just those descriptions, the formation of ice on the surface of a road to the skidding of a car on that road, and yet, under a different description (a description that will employ a completely different set of concepts), the events at issue will indeed be covered by some strict law or set of laws. But while nomological relations between events (relations involving laws) depend on the descriptions under which the events are given, relations of causality and identity obtain irrespective of descriptions — if the icing-up of the road did indeed cause the skid, then it did so no matter how the events at issue are described. (The form of description — whether mental or physical — is thus irrelevant to the fact that a particular causal relation obtains). It follows that the same pair of events may be related causally, and yet, under certain descriptions (though not under all), there be no strict law under which those events fall. In particular, it is possible that a mental event — an event given under some mental description — will be causally related to some physical event — an event given under a physical description — and yet there will be no strict law covering those events *under just those descriptions*. My wanting to read Tolstoy, for instance, leads me to take *War and Peace* from the shelf, and so my wanting causes a change in the physical arrangement of a certain region of space-time, but there is no strict law that relates my wanting to the physical change. Similarly, while any mental event will be identical with some physical event — it will indeed be one and the same event under two descriptions — it is possible that there will be no strict law relating the event as described in mentalistic terms with the event as physically described. In fact, Davidson is explicit in claiming that there can be *no* strict laws that relate the mental and the physical in this way — there is no strict law that relates, for instance, wanting to read with a particular kind of brain activity.

Davidson's denial of the existence of any strict 'psycho-physical' laws follows from his view of the mental as constrained by quite general

mesmo par de eventos pode instanciar uma lei sob uma descrição, mas não sob outras. Não há, por exemplo, uma lei estrita que relacione, sob exatamente aquelas descrições, a formação de gelo na superfície de uma rodovia com a derrapagem de um carro naquela rodovia, e, todavia, sob uma descrição diferente (uma descrição que irá empregar um conjunto de conceitos completamente diferente), os eventos em pauta, de fato, serão cobertos por alguma lei estrita ou conjunto de leis. Mas enquanto relações nomológicas entre eventos (relações envolvendo leis) dependem das descrições sob as quais os eventos são dados, as relações de causalidade e identidade se obtêm sem consideração a descrições — se o congelamento da rodovia realmente causou a derrapagem, então ele o fez, não importa como os eventos em questão são descritos. (A forma da descrição — se mental ou física — é, assim, irrelevante para o fato de que uma relação causal particular ocorra). Segue-se que o mesmo par de eventos pode ser relacionado causalmente e, todavia, sob certas descrições (embora não sob todas), não haja nenhuma lei estrita sob a qual aqueles eventos caíam. Em particular, é possível que um evento mental — um evento dado sob alguma descrição mental — seja causalmente relacionado a algum evento físico — um evento dado sob uma descrição física — e todavia, não haja nenhuma lei estrita cobrindo aqueles eventos *sob exatamente aquelas descrições*. Minha vontade de ler Tolstoy, por exemplo, me leva a pegar *Guerra e Paz* da prateleira e assim minha vontade causa uma mudança no arranjo físico de uma certa região do espaço-tempo, mas não há nenhuma lei estrita que relacione minha vontade à mudança física. Similarmente, enquanto qualquer evento mental for idêntico a algum evento físico — será de fato o mesmo evento sob duas descrições — é possível que não haja nenhuma lei estrita relacionando o evento descrito em termos mentalísticos com o evento descrito fisicamente. De fato, Davidson é explícito em afirmar que não pode haver *nenhuma* lei estrita que relacione o mental e o físico dessa maneira — não há nenhuma lei estrita que relacione, por exemplo, vontade de ler com uma atividade cerebral de tipo particular.

A negação de Davidson da existência de quaisquer leis 'psico-físicas' se segue de sua visão do mental como constrangido por princípios

principles of rationality that do not apply, at least not in the same way, to physical descriptions: normative considerations of overall consistency and coherence, for instance, constrain our own thinking about events as physically described, but they have no purchase on physical events as such. This does not mean, of course, that there are no correlations whatsoever to be discerned between the mental and the physical, but it does mean that the correlations that can be discerned cannot be rendered in the precise, explicit and exceptionless form — in the form, that is, of strict laws — that would be required in order to achieve any reduction of mental to physical descriptions. The lack of strict laws covering events under mental descriptions is thus an insuperable barrier to any attempt to bring the mental within the framework of unified physical science. However, while the mental is not reducible to the physical, every mental event can be paired with some physical event — that is, every mental description of an event can be paired with a physical description of the very same event. This leads Davidson to speak of the mental as ‘supervening’ on the physical in a way that implies a certain dependence of mental predicates on physical predicates: predicate *p* supervenes on a set of predicates *S* ‘if and only if *p* does not distinguish any entities that cannot be distinguished by *S*’ (see ‘Thinking Causes’ [1993]). Put more simply, events that cannot be distinguished under some physical description cannot be distinguished under a mental description either.

On the face of it, anomalous monism appears a highly attractive way to think about the relation between the mental and the physical - inasmuch as it combines ‘monism’ with ‘anomalous’ so it seems to preserve what is important about physicalism while nevertheless retaining the ordinary language of so-called ‘folk-psychology’ (the language of beliefs and desires, actions and reasons). In fact anomalous monism has proved to be a highly contentious position drawing criticism from both physicalists and non-physicalists alike. The nomological conception of causality (the second of the three principles defended in ‘Mental Events’) has often been seen as something for which Davidson fails to supply any real argument (a criticism he has attempted to address in ‘Laws and Cause’ [1995]); the

bastante gerais de racionalidade que não se aplicam, pelo menos não da mesma maneira, a descrições físicas: considerações normativas de consistência e coerência gerais, por exemplo, constroem nosso próprio pensamento acerca de eventos descritos fisicamente, mas ela não têm vínculo com eventos físicos como tais. Isso não significa, naturalmente, que não haja correlações, quaisquer que sejam, para ser discernidas entre o mental e o físico, mas certamente significa que as correlações que podem ser discernidas não podem ser traduzidas na forma precisa, explícita e sem exceção — na forma, isto é, de leis estritas — que seria exigida para alcançar qualquer redução das descrições mentais para as físicas. A falta de leis estritas cobrindo eventos sob descrições mentais é assim uma barreira insuperável para qualquer tentativa de trazer o mental para dentro da moldura da ciência física unificada. Todavia, enquanto o mental não é redutível ao físico, cada evento mental pode ser emparelhado com algum evento físico — isto é, cada descrição mental de um evento pode ser emparelhada com uma descrição física exatamente do mesmo evento. Isso leva Davidson a falar do mental como ‘superveniente’ ao físico de um modo que implica uma certa dependência dos predicados mentais com relação aos predicados físicos: o predicado *p* e superveniente a um conjunto de predicados *S* ‘se e somente se *p* não distingue quaisquer entidades que não possam ser distinguidas por *S*’ (ver ‘Thinking Causes’ [1993]). Simplificando, eventos que não podem ser distinguidos sob alguma descrição física não podem também ser distinguidos sob uma descrição mental.

Em vista disso, monismo anômalo aparece como um modo bastante atraente de pensar acerca da relação entre o mental e o físico — à medida que combina ‘monismo’ com ‘anomalia’, então, parece preservar o que é importante acerca de fisicalismo, enquanto retém, contudo a linguagem ordinária da assim chamada ‘psicologia popular’ (a linguagem das crenças e desejos, ações e razões). De fato, o monismo anômalo provou ser uma posição altamente contenciosa, provocando críticas tanto de fisicalistas como não fisicalistas. A concepção nomológica de causalidade (o segundo dos três princípios defendidos em ‘Eventos Mentais’) tem sido muitas vezes vista como algo para o qual Davidson falha em fornecer qualquer argumento real (uma crítica a que ele tentou responder em ‘Leis e Causa’

Davidsonian account of supervenience has been viewed as incompatible with other aspects of his position and sometimes as simply mistaken or confused; and, perhaps the most serious and widespread criticism, anomalous monism has been seen as making the mental causally inert. These criticisms have not, however, gone unanswered (see especially ‘Thinking Causes’), and while Davidson has modified aspects of his position, he has continued to hold to, and to defend, the basic theses first made explicit in ‘Mental Events’.

Problems of Irrationality

Davidson's commitment to the rationality of the mental as one of the cornerstones of anomalous monism (as well as to the account of ‘radical interpretation’ [see ‘Meaning and Truth’ below]) leads him to take a special interest in the problem of apparently irrational belief and action — something first addressed in ‘How is Weakness of the Will Possible?’ (1970a). While Davidson treats irrationality as a real feature of our mental lives, he offers a way of dealing with it that aims at preserving, in some sense, the overall rationality of the mind (see especially ‘Two Paradoxes of Irrationality’ [1982b]). A belief or desire in the mind of one person can cause a belief or desire in the mind of another without this compromising the rationality of the mental. (Davidson's example is my growing of a beautiful flower because I desire you to enter my garden — you develop a craving to see the flower as a result of my desire and my desire has thereby caused, without being a reason for, your craving) Davidson suggests that we should view the same sort of relation as sometimes holding within a single mind. To this end we should view the mind as weakly ‘partitioned’ so that different attitudes may be located within different ‘territories’ and need not, therefore, be taken to come into direct conflict.

[1995]); a explicação de Davidson da superveniência tem sido vista como incompatível com outros aspectos de sua posição e algumas vezes como simplesmente equivocada ou confusa; e, talvez a crítica mais séria e difundida esteja em que monismo anômalo tem sido visto como tornando o mental causalmente inerte. Estas críticas não têm, contudo, ficado sem resposta (ver especialmente ‘Thinking Causes’), e apesar de Davidson ter modificado aspectos de sua posição, ele tem continuado a sustentar e defender as teses básicas inicialmente feitas explícitas em ‘Eventos Mentais’.

Problemas de Irracionalidade

O compromisso de Davidson com a racionalidade do mental como uma das pedras fundamentais do monismo anômalo (bem como com a explicação da ‘interpretação radical’ [ver ‘Significado e verdade’, abaixo]) o conduz a adotar um interesse especial no problema da crença e ação aparentemente irracionais — alguma coisa primeiramente tratada em ‘How is Weakness of the Will Possible?’ (1970a). Embora Davidson trate a irracionalidade como uma característica real de nossas vidas mentais, ele oferece um modo de tratar com ela que pretende preservar, de algum modo, a racionalidade geral da mente (ver especialmente ‘Two Paradoxes of Irrationality’ [1982b]). Uma crença ou desejo na mente de uma pessoa pode causar uma crença ou desejo na mente de outra sem que isto comprometa a racionalidade do mental. (O exemplo de Davidson é o fato de eu cultivar uma bela flor porque desejo que você entre no meu jardim — você desenvolve um desejo ardente de ver a flor como resultado do meu desejo; e meu desejo causou, dessa maneira, o seu desejo ardente, sem ser uma razão para ele). Davidson sugere que deveríamos considerar o mesmo tipo de relação como algumas vezes valendo no interior de uma mente singular. Com esse objetivo, deveríamos considerar a mente como fracamente ‘dividida’ de tal modo que atitudes diferentes possam estar localizadas dentro de diferentes ‘territórios’ e não precisem, portanto, ser tomadas como convergindo para um conflito direto.

Ontology and Logical Form

Davidson's accounts of action and of mind call upon a well-developed set of analyses concerning psychological concepts such as belief, desire and intention — concepts whose analysis is taken further in a number of papers that follow on from, and develop or modify, the ideas first set out in 'Actions, Reasons and Causes' (papers such as 'Agency' (1971) and 'Intending' [1978a]) as well as in Davidson's discussions of epistemological and semantic issues (see below). But Davidson's work in this area is also dependent on his account of the notions of cause, event and law and, in particular, on his defence of the view that events are particulars and so constitute a fundamental ontological category. If events are indeed particulars then an important question concerns the conditions of identity for events. In 'The Individuation of Events' [1969a] Davidson argues that events are identical if and only if they have exactly the same causes and effects. In 'Reply to Quine on Events' [1985b] he abandons this criterion in favour of the Quinean suggestion that events are identical if and only if they occupy exactly the same location in space and time.

A characteristic feature of Davidson's approach to such ontological questions has been to focus on the logical structure of sentences about the entities at issue rather than on those entities as such. Davidson's approach to events, for instance, is grounded in an analysis of the underlying logical form of sentences about events; in the case of causal relations, in an analysis of the logical form of sentences that express such relations (see 'Causal Relations' [1967a]); and in his approach to action also, Davidson's approach involves an analysis of the logical form of sentences about actions (see 'The Logical Form of Action Sentences' [1967b]). This reflects a more general commitment on Davidson's part to the inseparability of questions of ontology from questions of logic. This commitment is spelt out explicitly in 'The Method of Truth in Metaphysics' (1977) and it provides a further point of connection between Davidson's work in the philosophy of action, event and mind and his work on questions of meaning and language.

Ontologia e Forma Lógica

As explicações da ação e da mente em Davidson recorrem a um conjunto bem desenvolvido de análises concernentes a conceitos psicológicos como crença, desejo e intenção — conceitos cuja análise é desenvolvida em vários artigos que seguem e desenvolvem ou modificam as idéias originalmente estabelecidas em 'Ações, Razões e Causas' (artigos como 'Agency' (1971) e 'Intending' [1978a]), bem como nas discussões de assuntos epistemológicos e semânticos de Davidson (ver abaixo). Mas o trabalho de Davidson nesta área é também dependente de sua explicação das noções de causa, evento e lei e, em particular, da sua defesa da opinião que eventos são entidades singulares, e, assim, constituem uma categoria ontológica fundamental. Se eventos são, de fato, entidades singulares, então uma questão importante diz respeito às condições de identidade para eventos. Em 'The Individuation of Events' [1969a], Davidson argumenta que eventos são idênticos se e somente se têm exatamente as mesmas causas e efeitos. Em 'Resposta a Quine acerca de Eventos' [1959b], ele abandona seu critério em favor da sugestão quineana de que eventos são idênticos se e somente se eles ocupam exatamente a mesma localização no espaço e no tempo.

Um traço característico da abordagem de Davidson de tais questões ontológicas tem sido o de focalizar antes a estrutura lógica das sentenças acerca das entidades em questão do que as entidades como tais. A abordagem de Davidson dos eventos, por exemplo, está fundada em uma análise da forma lógica subjacente das sentenças acerca de eventos; no caso de relações causais, em uma análise da forma lógica das sentenças que expressam tais relações (ver 'Causal Relations' [1967 a]); e também em sua abordagem da ação, a abordagem de Davidson envolve uma análise da forma lógica das sentenças acerca de ações (ver 'The Logical Form of Action Sentences' [1957 b]). Isto reflete um compromisso mais geral da parte de Davidson para com a inseparabilidade entre as questões de ontologia e as questões de lógica. Esse compromisso é comentado explicitamente em 'The Method of Truth in Metaphysics' (1977) e proporciona um ponto de conexão adicional entre o trabalho de Davidson na filosofia da ação,

work on questions of meaning and language.

3. Meaning and Truth

The Structure of a Semantic Theory

Although Davidson has written on a wide range of topics, a great deal of his work, particularly during the late 1960s and early 1970s, has focussed on the problem of developing an approach to the theory of meaning that will be adequate to natural language. The characteristic feature of Davidson's approach to this problem is his proposal that meaning is best understood via the concept of truth, and, more particularly, that the basic structure for any adequate theory of meaning is that given in a formal theory of truth.

Davidson's thinking about semantic theory is developed on the basis of a holistic conception of linguistic understanding (see 'Truth and Meaning' [1967c]). Providing a theory of meaning for a language is thus a matter of developing a theory that will enable us to generate, for every actual and potential sentence of the language in question, a theorem that specifies what each sentence means. On this basis a theory of meaning for German that was given in English might be expected to generate theorems that would explicate the German sentence 'Schnee ist weiss' as meaning that snow is white. Since the number of potential sentences in any natural language is infinite, a theory of meaning for a language that is to be of use to creatures with finite powers such as ourselves, must be a theory that can generate an infinity of theorems (one for each sentence) on the basis of a finite set of axioms. Indeed, any language that is to be learnable by creatures such as ourselves must possess a structure that is amenable to such an approach. Consequently, the commitment to *holism* also entails a commitment to a *compositional* approach according to which the meanings of sentences are seen to depend upon the meanings of their parts, that is, upon the meanings of the words that form the finite base of the language and out of which sentences are composed. Compositionality does not compromise holism, since not only does it follow

evento e mente e seu trabalho em questões de significado e linguagem.

3. Significado e Linguagem

A Estrutura da Teoria Semântica

Embora Davidson tenha escrito sobre uma ampla faixa de tópicos, uma grande parte de seu trabalho, particularmente durante o final dos anos 60 e início dos anos 70, colocou o foco no problema do desenvolvimento de uma abordagem da teoria do significado que fosse adequada à linguagem natural. O traço característico da abordagem de Davidson a esse problema é sua proposta que o significado é melhor entendido através do conceito da verdade, e, mais particularmente, que a estrutura básica para qualquer teoria do significado adequada é aquela dada em uma teoria formal da verdade.

O pensamento da Davidson acerca da teoria semântica se desenvolveu com base em uma concepção holística da concepção lingüística (ver 'Truth and Meaning' [1967c]). Proporcionar uma teoria do significado para uma linguagem é, assim, uma questão de desenvolver uma teoria que nos permita gerar, para cada sentença potencial e real da linguagem em questão, um teorema que especifique o que cada sentença significa. Nesta base uma teoria do significado para alemão que tenha sido dada em inglês seria suposta gerar teoremas que explicariam a sentença alemã 'Schnee ist weiss' como significando que a neve é branca. Visto que o número de sentenças potenciais em qualquer linguagem natural é infinito, uma teoria do significado para uma linguagem que é para ser usada por criaturas com poder finito como nós mesmos, tem de ser uma teoria que possa gerar uma infinidade de teoremas (um para cada sentença) com base em um conjunto finito de axiomas. Na verdade, qualquer linguagem a ser aprendida por criaturas como nós deve possuir uma estrutura que seja cômoda para tal abordagem. Conseqüentemente, o compromisso com o *holismo* também exige um compromisso com uma abordagem *composicional* de acordo com a qual os significados das sentenças são vistos como dependentes dos significados de suas partes, isto é, dos significados das palavras que formam a base finita da linguagem e a partir da

from it, but, on the Davidsonian approach, it is only as they play a role in whole sentences that individual words can be viewed as meaningful. It is sentences, and not words, that are thus the primary focus for a Davidsonian theory of meaning. Developing a theory for a language is a matter of developing a systematic account of the finite structure of the language that enables the user of the theory to understand any and every sentence of the language.

A Davidsonian theory of meaning explicates the meanings of expressions holistically through the interconnection that obtains among expressions within the structure of the language as a whole. Consequently, although it is indeed a theory of meaning, a theory of the sort Davidson proposes will have no use for a concept of meaning understood as some discrete entity (whether a determinate mental state or an abstract 'idea') to which meaningful expressions refer. One important implication of this is that the theorems that are generated by such a theory of meaning cannot be understood as theorems that relate expressions and 'meanings'. Instead such theorems will relate sentences to other sentences. More particularly, they will relate sentences in the language to which the theory applies (the 'object-language') to sentences in the language in which the theory of meaning is itself couched (the 'meta-language') in such a way that the latter effectively 'give the meanings of' or translate the former. It might be thought that the way to arrive at theorems of this sort is to take as the general form of such theorems '*s* means that *p*' where *s* names an object-language sentence and *p* is a sentence in the meta-language. But this would be already to assume that we could give a formal account of the connecting phrase 'means that', and not only does this seem unlikely, but it also appears to assume a concept of meaning when it is precisely that concept (at least as it applies within a particular language) that the theory aims to elucidate. It is at this point that Davidson turns to the concept of truth. Truth, he argues, is a less opaque concept than that of meaning. Moreover, to specify the conditions under which a sentence is true is also a way of specifying the meaning of a sentence. Thus, instead of '*s* means that *p*',

qual sentenças são compostas. A composicionalidade não compromete o holismo, uma vez que não apenas resulta dele, mas, na abordagem de Davidson, é apenas enquanto desempenham um papel em sentenças completas que as palavras individuais podem ser vistas como dotadas de significado. São sentenças, e não palavras, que são, assim, o foco primário para uma teoria davidsoniana do significado. Desenvolver uma teoria para uma linguagem é uma questão de desenvolver uma explicação sistemática da estrutura finita da linguagem que permita ao usuário da teoria entender qualquer uma e cada sentença da linguagem.

Uma teoria Davidsoniana do significado explica os significados de expressões holisticamente através da interconexão que se obtém entre expressões dentro da estrutura da linguagem como um todo. Conseqüentemente, embora seja na verdade uma teoria *do* significado, uma teoria do tipo que Davidson propõe não terá uso algum para um conceito de significado entendido como uma entidade discreta (seja um determinado estado mental, seja uma 'idéia' abstrata) à qual expressões dotadas de significado se referem. Uma importante implicação disso é que os teoremas que são gerados por tal teoria do significado não podem ser entendidos como teoremas que relacionem expressões e 'significados'. Em vez disso, tais teoremas relacionarão sentenças a outras sentenças. Mais particularmente, eles relacionarão sentenças na linguagem à qual a teoria se aplica (a 'linguagem objeto') a sentenças na linguagem em que a teoria do significado está ela mesma expressa (a 'metalinguagem'), de tal maneira que a última efetivamente 'dá os significados de' ou traduz a primeira. Poder-se-ia pensar que o modo de chegar a teoremas desse tipo é tomar como a forma geral de tais teoremas '*s* significa que *p*' em que *s* nomeia uma sentença da linguagem-objeto e *p* é uma sentença na metalinguagem. Mas isso já seria assumir que poderíamos dar uma explicação formal da frase conectante 'significa que', e isso não apenas parece improvável, mas também parece assumir um conceito de significado quando é precisamente este conceito (pelo menos quando ele se aplica no interior de uma linguagem particular) que a teoria pretende elucidar. É nesse ponto que Davidson se volta para o conceito de verdade. A verdade, ele argumenta, é um conceito menos opaco que

Davidson proposes, as the model for theorems of an adequate theory of meaning, 's is true if and only if p' (the use of the biconditional 'if and only if' is crucial here as it ensures the truth-functional equivalence of the sentences s and p, that is, it ensures they will have identical truth-values). The theorems of a Davidsonian theory of meaning for German couched in English would thus take the form of sentences such as "'Schnee ist weiss' is true if and only if snow is white."

Tarski and 'Convention T'

One of the great advantages of this proposal is that it enables Davidson to connect his account of a theory of meaning with an already existing approach to the theory of truth, namely that developed by Alfred Tarski (in his seminal work 'The Concept of Truth in Formalised Languages', first published in Polish in 1933 and in English translation in 1956). Tarski's theory of truth was originally intended, not as a general account of the nature of truth, but rather as a way of defining the truth-predicate as it applies within a formal language. Tarski suggests that we arrive at a formal definition of the predicate 'is true' by providing, for every sentence s in the object language, a matching sentence p in the meta-language that is a translation of s (here, in his use of the idea of translational synonymy, Tarski actually relies upon the concept of meaning in order to get at a theory of truth — Davidson reverses this approach). The resulting 'T-sentences' will have the form 's is true in language L if and only if p'. That an adequate theory should indeed be capable of generating a T-sentence for every sentence in the object-language is the essence of Tarski's 'Convention T' — a requirement that clearly matches the holistic requirement Davidson also specifies for an adequate theory of meaning. And just as a Davidsonian theory of meaning treats the meaning of whole sentences as dependent on the components of those sentences, so a Tarskian theory of truth also operates *recursively* by means

aquele de significado. Além do mais, especificar as condições sob as quais uma sentença é verdadeira é também um modo de especificar o significado da sentença. Assim, em vez de 's significa que p', Davidson propõe, como o modelo para teoremas de uma adequada teoria do significado, 's é verdadeira se e somente se p' (o uso do bicondicional 'se e somente se' é crucial aqui, já que assegura a equivalência verofuncional das sentenças s e p, isto é, assegura que elas terão idênticos valores-verdade). Os teoremas de uma teoria davidsoniana do significado para o alemão, expressa em inglês, assumiriam assim a forma de sentenças tais como "'Schnee ist weiss' é verdadeira se e somente se a neve é branca".

Tarski e a 'Convenção T'

Uma das grandes vantagens dessa proposta é que ela permite a Davidson conectar sua explicação da teoria do significado com uma abordagem já existente para a teoria da verdade, ou seja, aquela desenvolvida por Alfred Tarski (em seu trabalho seminal 'O Conceito de Verdade nas Linguagens Formalizadas', publicado pela primeira vez em polonês em 1933 e em tradução inglesa em 1956). A teoria da verdade de Tarski foi originalmente concebida não como uma explicação geral da natureza da verdade, mas de preferência como um modo de definir o predicado-verdade como ele se aplica no interior de uma linguagem formal. Tarski sugere que cheguemos a uma definição formal do predicado 'é verdadeiro' proporcionando, para cada sentença s na linguagem objeto, uma sentença correspondente p na metalinguagem que seja uma tradução de s (aqui, no seu uso da idéia de sinonímia translacional, Tarski, na verdade, depende do conceito de significado para chegar a uma teoria da verdade — Davidson reverte essa abordagem). As 'sentenças T' resultantes terão a forma 's é verdadeira na linguagem L se e somente se p'. Que uma teoria adequada deveria, de fato, ser capaz de gerar uma sentença T para cada sentença na linguagem objeto é a essência da 'Convenção T' de Tarski — uma exigência que claramente combina a exigência holística que Davidson também especifica para uma teoria adequada do significado. E exatamente como a teoria do significado davidsoniana trata o significado de sentenças completas como dependente dos

of the technical notion of *satisfaction* — a notion that stands to open sentences (expressions containing unbound variables) as does truth to closed sentences (expressions that contain no variables other than bound variables) — such that the satisfaction conditions of more complex sentences are seen to depend on the satisfaction conditions of simpler sentences.

The formal structure that Tarski articulates in his 'semantic' account of truth is identical to that which Davidson explicates as the basis for a theory of meaning: a Tarskian truth theory can generate, for every sentence of the object-language, a T-sentence that specifies the meaning of each sentence in the sense of specifying the conditions under which it is true. What Davidson's work shows, then, is that meeting the requirement of Tarski's Convention T can be seen as the basic requirement for an adequate theory of meaning.

A Tarskian truth theory defines truth on the basis of a logical apparatus that requires little more than the resources provided within first-order quantificational logic as supplemented by set theory. Moreover, it also operates to deliver a definition of truth that is purely 'extensional', that is, it defines truth by specifying just those instances to which the truth-predicate properly applies without any reference to 'meanings', 'thoughts' or other 'intensional' entities. Both these features represent important advantages for the Davidsonian approach (Davidson's rejection of determinate meanings as having a significant role to play in a theory of meaning already involves a commitment to an extensional approach to language). However, these features also present certain problems. Davidson wishes to apply the Tarskian model as the basis for a theory of meaning for natural languages, but such languages are far richer than the well-defined formal systems to which Tarski had directed his attention. In particular natural languages contain features that seem to require resources beyond those of first-order logic or of any purely extensional analysis. Examples of such features include indirect or reported speech ('Galileo said that the earth moves'), adverbial expressions

componentes daquelas sentenças, assim também a teoria tarskiana da verdade opera *recursivamente* por meio da noção técnica de *satisfação* — uma noção que permanece para sentenças abertas (expressões contendo variáveis livres) assim como a verdade o faz para sentenças fechadas (expressões que não contenham variáveis que não sejam ligadas) — tal que as condições de satisfação de sentenças mais complexas sejam vistas como dependentes das condições de satisfação de sentenças mais simples.

A estrutura formal que Tarski articula na sua explicação 'semântica' da verdade é idêntica àquela que Davidson explica com a base da teoria do significado: uma teoria da verdade tarskiana pode gerar, para cada sentença da linguagem objeto, uma sentença T que especifica o significado de cada sentença no sentido de especificar as condições sob as quais ela é verdadeira. O que o trabalho de Davidson mostra, então, é que satisfazer a exigência da Convenção T de Tarski pode ser visto como a exigência básica para uma teoria adequada do significado.

Uma teoria tarskiana da verdade define a verdade com base em um aparato lógico que requer um pouco mais que os recursos proporcionados no interior de uma lógica quantificacional de primeira ordem, suplementada pela teoria dos conjuntos. Além disso, ela também opera para fornecer uma definição de verdade que seja puramente 'extensional', isto é, ela define a verdade especificando apenas aquelas instâncias para as quais o predicado-verdade se aplica propriamente, sem qualquer referência a 'significados', 'pensamentos' ou outras entidades 'intencionais'. Ambas as características representam importantes vantagens para a abordagem davidsoniana (a rejeição de Davidson de determinados significados como tendo um papel significativo a desempenhar em uma teoria do significado já envolve um compromisso com uma abordagem extensional para a linguagem). Contudo, essas características também apresentam certos problemas. Davidson deseja aplicar o modelo tarskiano como a base para uma teoria do significado para linguagens naturais, mas tais linguagens são muito mais ricas que os sistemas formais bem definidos aos quais Tarski havia dirigido sua atenção. Em particular, linguagens naturais contêm características que

(‘Flora swam slowly ‘ where ‘slowly’ modifies ‘Flora swam’) and non-indicative sentences such as imperatives (‘Eat your eggplant!’). An important part of Davidson's work in the philosophy of language has been to show how such apparently recalcitrant features of natural language can indeed be analysed so as to make them amenable to a Tarskian treatment. In ‘On Saying That’ (1968) and ‘Quotation’ (1979b) he addresses the question of indirect speech; in ‘Moods and Performances’ (1979a) he deals with non-indicative utterances; and in ‘Adverbs of Action’ (1985a) he takes up the problem of adverbial modification. As in Davidson's analysis of actions and events, the notion of logical form plays an important part in his approach here — the problem of how to apply a Tarskian truth theory to natural language is shown to depend on providing an analysis of the underlying logical form of natural language expressions which renders them in such a way that they fall under the scope of a purely extensional approach employing only minimal logical resources.

There is, however, another more general problem that affects Davidson's appropriation of Tarski. While Tarski uses the notion of sameness of meaning, through the notion of translation, as the means to provide a definition of truth — one of the requirements of Convention T is that the sentence on the right hand side of a Tarskian T-sentence be a translation of the sentence on the left — Davidson aims to use truth to provide an account of meaning. But in that case it seems that he needs some other way to constrain the formation of T-sentences so as to ensure that they do indeed deliver correct specifications of what sentences mean. This problem is readily illustrated by the question of how we are to rule out T-sentences of the form “‘Schnee ist weiss’ is true if and only if grass is green.” Since the biconditional ‘if and only if’ ensures only that the sentence named on the left will have the same truth value as the sentence on the right, so it would seem to allow us to make any substitution

exigir requerer recursos além daqueles da lógica de primeira ordem ou de qualquer análise puramente extensional. Exemplos de tais características incluem o discurso indireto ou relatado (‘Galileu disse que a terra se move’), expressões adverbiais (‘Flora nadou vagorosamente’, onde ‘vagosamente’ modifica ‘Flora nadou’) e sentenças não-indicativas como os imperativos (‘Coma sua berinjela!’). Uma importante parte do trabalho de Davidson na filosofia da linguagem tem sido mostrar como tais características aparentemente recalcitrantes da linguagem natural podem na verdade ser analisadas de modo a torná-las manejáveis pelo tratamento tarskiano. Em ‘On Saying That’ (1968) e ‘Quotation’ (1979b), ele trata a questão do discurso indireto; em ‘Moods an Performances’ (1979a), ele trata de enunciações não-indicativas; e em ‘Adverbs of Action’ (1985a) ele enfrenta o problema da modificação adverbial. Como na análise de Davidson de ações e eventos, a noção de forma lógica representa uma parte importante em sua abordagem aqui — o problema de como aplicar a teoria tarskiana da verdade à linguagem natural é revelado dependente de se proporcionar uma análise da forma lógica subjacente das expressões da linguagem natural, [forma lógica esta] que traduz de tal modo que elas caem sob a esfera de uma abordagem puramente extensional, empregando apenas recursos lógicos mínimos.

Há, contudo outro problema mais geral que afeta a apropriação de Tarski por parte de Davidson. Enquanto Tarski usa a noção de semelhança do significado, através da noção de tradução, como o meio de proporcionar uma definição da verdade — uma das exigências da Convenção T é que a sentença do lado direito de uma sentença T tarskiana seja uma tradução da sentença à esquerda — Davidson almeja usar a verdade para proporcionar uma explicação do significado. Mas neste caso parece que ele precisa de algum outro jeito de forçar a formação de sentenças T de modo a assegurar que elas de fato forneçam as especificações corretas do que as sentenças significam. Este problema é prontamente ilustrado pela questão de como devemos rejeitar as sentenças T da forma “‘Schnee ist weiss’ é verdade se e somente se a grama é verde”. Posto que a bicondional ‘se e somente se’ assegura apenas que a sentença nomeada à esquerda tenha o mesmo valor-verdade que a sentença à direita,

of sentences on the right so long as their truth value is identical to that on the left. In one respect this problem is met by simply insisting on the way in which T-sentences must be seen as theorems generated by a theory of meaning that is adequate to the language in question as a whole (see 'Truth and Meaning'). Since the meaning of particular expressions will not be independent of the meaning of other expressions (in virtue of the commitment to compositionality the meanings of all sentences must be generated on the same finite base), so a theory that generates problematic results in respect of one expression can be expected to generate problematic results elsewhere, and, in particular, to also generate results that do not meet the requirements of Convention T. This problem can also be seen, however, as closely related to another important point of difference between a Tarskian truth theory and a Davidsonian theory of meaning: a theory of meaning for a natural language must be an empirical theory — it is, indeed, a theory that ought to apply to actual linguistic behaviour — and as such it ought to be empirically verifiable. Satisfaction of the requirement that a theory of meaning be adequate as an empirical theory, and so that it be adequate to the actual behaviour of speakers, will also ensure tighter constraints (if such are needed) on the formation of T-sentences. Indeed, Davidson is not only quite explicit in emphasising the empirical character of a theory of meaning, but he also offers a detailed account that both explains how such a theory might be developed and specifies the nature of the evidence on which it must be based.

Radical Interpretation

Davidson's strategy is to embed the formal structure for a theory of meaning (the structure he finds in a Tarskian truth theory) within a more general theory of interpretation the broad outlines of which he draws from Quine's discussion in *Word and Object* (first published in 1960). 'Radical translation' is intended by Quine as an idealisation of the project of translation that will exhibit that project in its purest form. Normally

então isto nos pareceria permitir fazer qualquer substituição de sentenças à direita, desde que seus valores verdade sejam idênticos àqueles à esquerda. Em certo sentido, este problema é resolvido simplesmente ao insistir no modo pelo qual sentenças T devem ser vistas como teoremas gerados pela teoria do significado que seja adequada à linguagem em questão como um todo (ver 'Truth and Meaning'). Visto que o significado de uma expressão particular não será independente do significado de outras expressões (em virtude do compromisso com a composicionalidade, os significados de todas as sentenças têm de ser gerados na mesma base finita), então pode-se esperar que uma teoria que gere resultados problemáticos com respeito a uma expressão possa gerar resultados problemáticos em outros lugares, e, em particular, também gerar resultados que não satisfaçam às exigências da Convenção T. Esse problema pode também ser visto, todavia, como intimamente relacionado a outro importante ponto de diferença entre a teoria tarskiana da verdade e a teoria davidsoniana do significado: uma teoria do significado para uma linguagem natural deve ser uma teoria empírica — ela é, na verdade, uma teoria que deveria se aplicar a comportamentos lingüísticos reais — e, como tal, ela deveria ser empiricamente verificável. A satisfação da exigência de que uma teoria do significado seja adequada como uma teoria empírica e que assim seja adequada ao comportamento real dos falantes irá também assegurar coerções mais estritas (se isto for necessário) na formação das sentenças T. De fato, Davidson é não apenas bastante explícito ao enfatizar o caráter empírico de uma teoria do significado, mas também oferece uma explicação detalhada que tanto explica como uma tal teoria poderia ser desenvolvida como especifica a natureza da evidência sobre a qual ela deve se basear.

Interpretação Radical

A estratégia de Davidson é inserir a estrutura formal para uma teoria do significado (a estrutura que ele acha na teoria tarskiana da verdade) numa teoria mais geral da interpretação, cujas linhas gerais ele extrai da discussão de Quine em *Word and Object* (publicado pela primeira vez em 1960). A 'tradução radical' é pensada por Quine como uma idealização do projeto de tradução que irá exibir aquele projeto em sua forma mais pura. Normalmente a tarefa do tradutor é ajudada por

the task of the translator is aided by prior linguistic knowledge — either of the actual language to be translated or of some related language. Quine envisages a case in which translation of a language must proceed without any prior linguistic knowledge and solely on the basis of the observed behaviour of the speakers of the language in conjunction with observation of the basic perceptual stimulations that give rise to that behaviour. Davidson has a broader conception of the behavioural evidence available than does Quine (he allows that we may, for instance, identify speakers as having the attitude of ‘holding true’ with respect to sentences) and, in addition, rejects the Quinean insistence on a special role being given to simple perceptual stimulations. Moreover, since Davidson's interest is more properly semantic than Quine's (Quine sees radical translation as part of a primarily epistemological inquiry), while Davidson also views a theory of translation alone as insufficient to ensure understanding of the language it translates (the translation may be into a language we do not understand), so the notion of ‘translation’ is replaced in the Davidsonian account with that of ‘interpretation’. *Radical interpretation* is a matter of interpreting the linguistic behaviour of a speaker ‘from scratch’ and so without reliance on any prior knowledge either of the speaker's beliefs or the meanings of the speaker's utterances. It is intended to lay bare the knowledge that is required if linguistic understanding is to be possible, but it involves no claims about the possible instantiation of that knowledge in the minds of interpreters (Davidson thus makes no commitments about the underlying psychological reality of the knowledge that a theory of interpretation makes explicit).

The basic problem that radical interpretation must address is that one cannot assign meanings to a speaker's utterances without knowing what the speaker believes, while one cannot identify beliefs without knowing what the speaker's utterances mean. It seems that we must provide both a theory of belief and a theory of meaning at one and the same time. Davidson claims that the way to achieve this is through the application of the so-called ‘principle of charity’ (Davidson has

um conhecimento lingüístico anterior — ou da linguagem real a ser traduzida, ou de alguma linguagem relacionada. Quine considera um caso no a qual tradução de uma linguagem deve progredir sem qualquer conhecimento lingüístico anterior e somente com base no comportamento observado dos falantes da linguagem em conjunção com a observação dos estímulos básicos perceptivos que dão origem àquele comportamento. Davidson tem uma concepção mais ampla da evidência comportamental disponível do que Quine (ele admite que possamos, por exemplo, identificar os falantes como tendo uma atitude de ‘considerar verdadeiro’ com respeito a sentenças) e, além disso, rejeita a insistência quineana em dar um papel especial a estímulos perceptuais simples. Além do mais, visto que o interesse de Davidson é mais propriamente semântico que o de Quine (Quine vê a tradução radical como parte de uma investigação primariamente epistemológica), enquanto Davidson também vê uma teoria de tradução apenas como insuficiente para assegurar compreensão da linguagem que ela traduz (a tradução ser vertida para uma linguagem que não entendemos), então a noção de ‘tradução’ é substituída na explicação davidsoniana por aquela de ‘interpretação’. A *Interpretação radical* é uma questão de interpretar o comportamento lingüístico de um falante ‘do zero’ e, desse modo, sem confiar em qualquer conhecimento prévio das crenças do falante ou dos significados das suas enunciações. Pretende-se pôr a nu o conhecimento que é exigido para que a compreensão lingüística seja possível, mas isto não envolve alegações acerca da possível instanciação daquele conhecimento nas mentes dos intérpretes (Davidson, assim, não se compromete com a realidade psicológica subjacente do conhecimento que uma teoria da interpretação torna explícita).

O problema básico que a interpretação radical tem de resolver é que não se pode atribuir significados às elocuições de um falante sem saber em que ele acredita, embora não se possa identificar crenças sem saber o que as elocuições do falante significam. Parece que temos que fornecer tanto uma teoria da crença como uma teoria do significado ao mesmo tempo. Davidson alega que o modo de se alcançar isso é através da aplicação do assim chamado ‘princípio de caridade’ (Davidson tem também se referido a ele

also referred to it as the principle of ‘rational accommodation’) a version of which is also to be found in Quine. In Davidson's work this principle, which admits of various formulations and cannot be rendered in any completely precise form, often appears in terms of the injunction to optimise agreement between ourselves and those we interpret, that is, it counsels us to interpret speakers as holding true beliefs (true by our lights at least) wherever it is plausible to do (see ‘Radical Interpretation’ [1973]). In fact the principle can be seen as combining two notions: a holistic assumption of rationality in belief (‘coherence’) and an assumption of causal relatedness between beliefs — especially perceptual beliefs — and the objects of belief (‘correspondence’) (see ‘Three Varieties of Knowledge [1991]). The process of interpretation turns out to depend on both aspects of the principle. Attributions of belief and assignments of meaning must be consistent with one another and with the speaker's overall behaviour; they must also be consistent with the evidence afforded by our knowledge of the speaker's environment, since it is the worldly causes of beliefs that must, in the ‘most basic cases’, be taken to be the objects of belief (see ‘A Coherence Theory of Truth and Knowledge’ [1983]). Inasmuch as charity is taken to generate particular attributions of belief, so those attributions are, of course, always defeasible. The principle itself is not so, however, since it remains, on the Davidsonian account, a presupposition of any interpretation whatsoever. Charity is, in this respect, both a constraint and an enabling principle in all interpretation — it is more than just a heuristic device to be employed in the opening stages of interpretative engagement.

If we assume that the speaker's beliefs, at least in the simplest and most basic cases, are largely in agreement with our own, and so, by our account, are largely true, then we can use our own beliefs about the world as a guide to the speaker's beliefs. And, provided that we can identify simple assertoric utterances on the part of a speaker (that is, provided we can identify the attitude of holding true), then the interconnection between belief and meaning enables us to use our *beliefs* as a guide to the *meanings* of the speaker's

como o princípio da ‘acomodação racional’) uma versão do qual pode ser também encontrada em Quine. No trabalho de Davidson, esse princípio, o qual dá margem a várias formulações e não pode ser traduzido em qualquer forma completamente precisa, muitas vezes aparece em termos de uma injunção para otimizar a concordância entre nós mesmos e aqueles que interpretamos, isto é, ele nos aconselha a interpretar os falantes como possuindo crenças verdadeiras (verdadeiras pelo menos em nossa ótica) onde quer que seja plausível fazê-lo (ver ‘Radical Interpretation’ [1973]). De fato, o princípio pode ser visto como combinando duas noções: uma assunção holística da racionalidade na crença (‘coerência’) e uma assunção da conexão causal entre as crenças — especialmente crenças perceptivas — e os objetos da crença (‘correspondência’) (ver ‘Three Varieties of Knowledge’ [1991]). O processo de interpretação revela-se dependente de ambos os aspectos do princípio. Atribuições de crença e atribuições de significado devem ser consistentes entre si e com o comportamento geral do falante; elas têm também de ser consistentes com a evidência proporcionada por nosso conhecimento do ambiente do falante, visto que são as causas mundanas da crença que devem, nas ‘situações mais básicas’, ser tomadas como os objetos da crença (ver ‘A Coherence Theory of Truth and Knowledge’ [1983]). À medida que a caridade é entendida como geradora de atribuições particulares de crença, então aquelas atribuições são, naturalmente, sempre revogáveis. O próprio princípio, contudo, não o é, visto que continua sendo, na explicação davidsoniana, uma pressuposição de qualquer interpretação que seja. A caridade é, nesse aspecto, a coerção e um princípio capacitante em toda interpretação — ela é mais que apenas um dispositivo heurístico a ser empregado nos estágios iniciais do compromisso interpretativo.

Se assumirmos que as crenças do falante, ao menos nos casos mais simples e básicos, estão amplamente em concordância com as nossas e, assim, pela nossa explicação, são amplamente verdadeiras, então podemos usar nossas próprias crenças acerca do mundo como um guia para as crenças do falante. E, desde que possamos identificar simples enunciações assertóricas por parte do falante (isto é, desde que possamos identificar a atitude de considerar verdadeiro), então a interconexão entre crença e significado

utterances — we get the basis for both a rudimentary theory of belief and a rudimentary account of meaning. So, for example, when the speaker with whom we are engaged uses a certain sequence of sounds repeatedly in the presence of what we believe to be a rabbit, we can, as a preliminary hypothesis, interpret those sounds as utterances about rabbits or about some particular rabbit. Once we have arrived at a preliminary assignment of meanings for a significant body of utterances, we can test our assignments against further linguistic behaviour on the part of the speaker, modifying those assignments in accordance with the results. Using our developing theory of meaning we are then able to test the initial attributions of belief that were generated through the application of charity, and, where necessary, modify those attributions also. This enables us, in turn, to further adjust our assignments of meaning, which enables further adjustment in the attribution of beliefs, ... and so the process continues until some sort of equilibrium is reached. The development of a more finely tuned theory of belief thus allows us to better adjust our theory of meaning, while the adjustment of our theory of meaning in turn enables us to better tune our theory of belief. Through balancing attributions of belief against assignments of meaning, we are able to move towards an overall theory of behaviour for a speaker or speakers that combines both a theory of meaning and of belief within a single theory of interpretation.

Holism and Indeterminacy

Since it is indeed a single, combined theory that is the aim here, so the adequacy of any such theory must be measured in terms of the extent to which the theory does indeed provide a unified view of the totality of behavioural evidence available to us (taken in conjunction with our own beliefs about the world) rather than by reference to any single item of behaviour. This can be viewed as a more general version of the

nos permite usar nossas *crenças* como um guia para os *significados* das enunciações do falante — adquirimos a base tanto para uma teoria rudimentar de crença como para uma explicação rudimentar do significado. Então, por exemplo, quando o falante com quem estamos comprometidos usa uma certa seqüência de sons repetidamente na presença do que acreditamos ser um coelho, podemos, como uma hipótese preliminar, interpretar aqueles sons com enunciações acerca de coelhos ou acerca de um coelho particular. Uma vez que tenhamos chegado a uma atribuição preliminar de significados para um corpo significativo de enunciações, podemos testar nossas atribuições contra o comportamento lingüístico adicional por parte do falante, modificando aquelas atribuições de acordo com os resultados. Usando nossa teoria de significado em desenvolvimento, estamos, então, aptos a testar as atribuições iniciais de crença que foram geradas através da aplicação da caridade, e, onde necessário, modificar também aquelas atribuições. Isso nos capacita, por sua vez, a fazer ajustes adicionais de nossas atribuições de significado, o que capacita a fazer ajustes adicionais na atribuição de crenças, ... e assim o processo continua até que algum tipo de equilíbrio seja alcançado. O desenvolvimento de uma teoria da crença mais finamente sintonizada nos permite ajustar melhor nossa teoria do significado, enquanto o ajuste de nossa teoria do significado, por sua vez, nos capacita a afinar melhor nossa teoria da crença. Através do balanceamento das atribuições de crença contra as atribuições de significado, ficamos aptos a nos mover em direção a uma teoria geral do comportamento para um falante, ou falantes, que combine ambas as teorias, a do significado e a da crença, no interior de uma única teoria da interpretação.

Holismo e Indeterminação

Visto que, de fato, é almejada aqui uma única teoria combinada, então a adequação de uma tal teoria deve ser medida em termos da extensão em que ela realmente proporciona uma visão unificada da totalidade da evidência comportamental disponível para nós (tomada em conjunção com nossas próprias crenças acerca do mundo) melhor que por referência a algum item único de comportamento. Isso pode ser visto

same requirement, made in relation to a formal theory of meaning, that a theory of meaning for a language address the totality of utterances for that language, although, in the context of radical interpretation, this requirement must be understood as also closely tied to the the need to attend to normative considerations of overall rationality. A direct consequence of this holistic approach is that there will always be more than one theory of interpretation that will be adequate to any particular body of evidence since theories may differ in particular attributions of belief or assignments of meaning while nevertheless providing an equally satisfactory account of the speaker's overall behaviour. It is this failure of uniqueness that Davidson terms the 'indeterminacy' of interpretation and which provides a counterpart to the 'indeterminacy of translation' that also appears, though it has a more limited application, in Quine. On the Davidsonian account, while such indeterminacy often goes unnoticed and is indeed rather less for Davidson than than for Quine (partly as a consequence of Davidson's employment of Tarski and so of the need to read the structure of first-order logic into the language interpreted), it nevertheless remains an ineliminable feature of all interpretation. Moreover, indeterminacy is not to be viewed merely as reflecting some epistemological limitation on interpretation, but rather reflects the holistic character of meaning and of belief. Such concepts refer us to overall patterns in the behaviour of speakers rather than to discrete, entities to which interpretation must somehow gain access. Indeed, holism of this sort applies, not only to meanings and beliefs, but also to the so-called 'propositional attitudes' in general. The latter are most simply characterised as attitudes specifiable by reference to a proposition (believing that there is eggplant for dinner is a matter of holding true the proposition that there is eggplant for dinner; desiring that there be eggplant for dinner is a matter of wanting it to be true that there be eggplant for dinner) and so the *contents* of attitudes of this sort are always *propositional*. Davidsonian holism is thus a holism that applies to meanings, to attitudes, and also, thereby, to the content of attitudes. Indeed, we can speak of the Davidsonian account of interpretation as providing a quite general account of how mental content is determined (such content being understood as the content of propositional mental states such as belief):

como uma versão mais geral da mesma exigência, feita em relação a uma teoria formal d significado, de que uma teoria do significado para uma linguagem aponte para a totalidade das elocuições para aquela linguagem, embora, no contexto da interpretação radical, esta exigência deva ser entendida como também intimamente vinculada à necessidade de atender a considerações normativas de racionalidade geral. Uma conseqüência direta dessa abordagem holística é que haverá sempre mais de uma teoria da interpretação que será adequada a algum corpo de evidência particular, visto que as teorias podem diferir em atribuições particulares de crença ou atribuições de significado. enquanto, contudo, fornecem uma explicação igualmente satisfatória do comportamento geral do falante. É essa falha na unicidade que Davidson denomina a 'indeterminação' da interpretação e que fornece uma contraparte para a 'indeterminação da tradução' que também aparece, embora tenha uma aplicação mais limitada, em Quine. Na explicação davidsoniana, enquanto tal indeterminação muitas vezes passa despercebida e é, de fato, muito menor para Davidson do que para Quine (parcialmente como uma conseqüência do emprego de Tarski por parte de Davidson e assim da necessidade de ler a estrutura lógica de primeira ordem dentro da linguagem interpretada), ela permanece, contudo, uma característica não eliminável de toda interpretação. Além do mais, a indeterminação não deve ser vista meramente como refletindo alguma limitação epistemológica na interpretação, mas antes reflete o caráter holístico do significado e da crença. Tais conceitos nos remetem antes a padrões gerais no comportamento dos falantes, do que a entidades discretas às quais a interpretação deve de alguma forma ganhar acesso. De fato, esse tipo de holismo se aplica, não somente a significados e crenças, mas também às assim chamadas 'atitudes proposicionais' em geral. As últimas são caracterizadas muito simplesmente como atitudes especificáveis por referência a uma proposição (acreditar que há berinjela para o jantar é uma questão de considerar verdadeira a proposição de que há uma berinjela para o jantar; desejar que haja berinjela para o jantar é uma questão de querer que seja verdadeiro que haja berinjela para o jantar) e, assim, os *conteúdos* de atitudes desse tipo são sempre *proposicionais*. O holismo davidsoniano é, então, um holismo que se aplica a

through the causal relation between speakers and objects in the world and through the rational integration of speakers' behaviour. Thus, as Davidson's approach to the theory of meaning turns out to imply a more general theory of interpretation, so his holistic view of meaning implies a holistic view of the mental, and of mental content, in general.

Davidson's commitment to the indeterminacy that follows from his holistic approach has led some to view his position as involving a form of anti-realism about the mind and about beliefs, desires and so forth. Davidson argues, however, that the indeterminacy of interpretation should be understood analogously with the indeterminacy that attaches to measurement. Such theories assign numerical values to objects on the basis of empirically observable phenomena and in accordance with certain formal theoretical constraints. Where there exist different theories that address the same phenomena, each theory may assign different numerical values to the objects at issue (as do Celsius and Fahrenheit in the measurement of temperature), and yet there need be no difference in the empirical adequacy of those theories, since what is significant is the overall pattern of assignments rather than the value assigned in any particular case. Similarly in interpretation, it is the overall pattern that a theory finds in behaviour that is significant and that remains invariant between different, but equally adequate, theories. An account of meaning for a language is an account of just this pattern.

Although the indeterminacy thesis has sometimes been a focus for objections to Davidson's approach, it is the more basic thesis of holism as developed in its full-blown form in the account of radical interpretation (and particularly as it relates to meaning) that has often attracted the most direct and trenchant criticism. Michael Dummett has been one of the most important critics of the Davidsonian position (see especially Dummett

significados, a atitudes e, dessa maneira, ao conteúdo das atitudes. Na verdade, podemos falar da explicação davidsoniana da interpretação como proporcionando uma explicação bastante geral de como o conteúdo mental é determinado (tal conteúdo sendo entendido como o conteúdo de estados mentais proposicionais, tais como crenças): através da relação causal entre falantes e objetos no mundo e através da integração racional do comportamento do falante. Assim, como a abordagem de Davidson para a teoria do significado se revela implicando uma teoria mais geral da interpretação, assim também sua visão holística do significado implica uma opinião holística do mental e do conteúdo mental em geral.

O compromisso de Davidson com a indeterminação que resulta de sua abordagem holística tem levado alguns a ver sua posição com envolvendo uma forma de anti-realismo acerca da mente, das crenças, desejos e assim por diante. Davidson argumenta, contudo, que a indeterminação da interpretação deveria ser entendida analogamente com a indeterminação ligada à medida. Tais teorias atribuem valores numéricos a objetos com base em fenômenos empiricamente observáveis e de acordo com certas restrições formais. Onde há diferentes teorias que tratam dos mesmos fenômenos, cada teoria pode atribuir diferentes valores numéricos aos objetos em questão (como o fazem os graus Celsius e Fahrenheit na medição de temperatura), e todavia não é preciso haver nenhuma diferença na adequação empírica daquelas teorias, visto que o que é significativo é antes o padrão geral de atribuições do que o valor atribuído em qualquer caso particular. Similarmente, na interpretação, é o padrão geral que uma teoria descobre no comportamento que é significativo e que permanece invariável entre teorias diferentes, mas igualmente adequadas. Uma explicação do significado para uma linguagem é uma explicação justamente para este padrão.

Embora a tese da indeterminação tenha sido, às vezes, um foco de objeções para a abordagem a Davidson, ela é a tese mais básica de holismo, desenvolvida em sua forma madura na explicação da interpretação radical (e particularmente em sua relação com o significado), que tem muitas vezes atraído a crítica mais direta e cáustica. Michael Dummett tem sido um dos mais importantes

1975). Dummett argues that Davidson's commitment to holism not only gives rise to problems concerning, for instance, how a language can be learnt (since it seems to require that one come to understand the whole of the language at one go, whereas learning is always piecemeal), but that it also restricts Davidson from being able to give what Dummett views as a properly full-blooded account of the nature of linguistic understanding (since it means that Davidson cannot provide an account that explicates the semantic in terms of the non-semantic). More recent criticisms have come from Jerry Fodor, amongst others, whose opposition to holism (not only in Davidson, but in Quine, Dennett and elsewhere) is largely motivated by a desire to defend the possibility of a certain scientific approach to the mind (see especially, Fodor and LePore 1992).

Language and Convention

The heart of a Davidsonian theory of interpretation is, of course, a Tarskian truth theory. But a truth theory provides only the formal structure on which linguistic interpretation is based: such a theory needs to be embedded within a broader approach that looks to the interconnections between utterances, other behaviour and attitudes; in addition, the application of such a theory to actual linguistic behaviour must also take account of the dynamic and shifting character of such behaviour. This latter point is easily overlooked, but it leads Davidson to some important conclusions. Ordinary speech is full of ungrammatical constructions (constructions that may even be acknowledged to be ungrammatical by the speaker herself), incomplete sentences or phrases, metaphors, neologisms, jokes, puns and all manner of phenomena that cannot be met simply by the application to utterances of a pre-existing theory for the language being spoken. Linguistic understanding cannot, then, be a matter simply of the mechanical application of a Tarski-like theory (although this is just what Davidson might be taken to suggest in the early essays). In papers such as 'A Nice Derangement of Epitaphs' (1986), Davidson addresses just this point,

críticos da posição davidsoniana (ver especialmente Dummett 1975). Dummett argumenta que o compromisso de Davidson com o holismo não apenas provoca problemas concernentes, por exemplo, a como uma linguagem pode ser aprendida (visto que ele parece exigir que alguém venha a entender a totalidade da linguagem de uma só vez, enquanto que aprender é sempre por partes), mas também impede Davidson de ser capaz de dar o que Dummett entende como uma explicação vigorosa da natureza da compreensão linguística (visto que isto significa que Davidson não pode proporcionar uma explicação que dê conta do semântico em termos do não semântico). Críticas mais recentes têm vindo da parte de Jerry Fodor, entre outros, cuja oposição ao holismo (não apenas em Davidson, mas em Quine, Dennett e em outros lugares) é largamente motivada por um desejo de defender a possibilidade de uma certa abordagem específica da mente (ver especialmente, Fodor e LePore 1992).

Linguagem e Convenção

O coração da teoria davidsoniana da interpretação é, naturalmente, uma teoria tarskiana da verdade. Mas uma teoria da verdade fornece apenas a estrutura formal na qual a interpretação linguística está baseada: uma tal teoria precisa ser inserida numa abordagem mais ampla que observe as interconexões entre enunciações, outros comportamentos e atitudes; além disso, a aplicação de tal teoria ao comportamento linguístico real deve também levar em conta o carácter dinâmico e cambiante de tal comportamento. Esse último ponto é facilmente negligenciado, mas ele conduz Davidson a algumas importantes conclusões. A fala usual é cheia de construções gramaticais incorretas (construções que podem até mesmo ser reconhecidas como incorretas pelo próprio falante), sentenças ou frases incompletas, metáforas, neologismos, brincadeiras, trocadilhos e todo género de fenómenos que não podem ser explicados simplesmente pela aplicação, a elocuições de uma teoria pré-existente para a linguagem em uso. O entendimento linguístico não pode ser, assim, uma simples questão de aplicação mecânica de uma teoria do tipo Tarski (embora isto seja exatamente o que Davidson poderia ser visto como sugerindo nos primeiros

arguing that while linguistic understanding does indeed depend upon a grasp of the formal structure of a language, that structure always stands in need of modification in the light of actual linguistic behaviour. Understanding a language is a matter of continually adjusting interpretative presuppositions (presuppositions that are often not explicit) in accord with the utterances to be interpreted. Furthermore, this calls upon skills and knowledge (imagination, attentiveness to the attitudes and behaviour of others, knowledge of the world) that are not specifically linguistic and that are part of a more general ability to get on in the world and in relation to others — an ability that also resists any formal explication. In ‘A Nice Derangement of Epitaphs’, Davidson puts this point, in provocative fashion, by claiming that ‘there is no such thing as a language’ (adding the immediate qualification ‘not if a language is anything like what many philosophers and linguists have supposed’). Put less provocatively, the essential point is that linguistic conventions (and in particular linguistic conventions that take the form of agreement over the employment of shared syntactic and semantic rules), while they may well facilitate understanding, cannot be the basis for such understanding.

Davidson's denial of rule-based conventions as having a founding role in linguistic understanding, together with his emphasis on the way in which the capacity for linguistic understanding must be seen as part of a more general set of capacities for getting on in the world, underlie Davidson's much-discussed account of metaphor and related features of language (see ‘What Metaphors Mean’ [1978b]). Davidson rejects the idea that metaphorical language can be explained by reference to any set of rules that govern such meaning. Instead it depends on using sentences with their ‘literal’ or standard meanings in ways that give rise to new or unexpected insights — and just as there are no rules by which we can work out what a speaker means when she utters an ungrammatical sentence, makes a pun or otherwise uses language in a way that diverges from the norm, so there are no rules that govern the grasp of metaphor.

ensaios). Em artigos como ‘A Nice Derangement of Epitaphs’ (1986), Davidson trata exatamente dessa questão, argumentando que enquanto a compreensão linguística de fato depende de uma apreensão da estrutura formal da linguagem, aquela estrutura sempre precisa de modificação à luz do comportamento linguístico real. Compreender uma linguagem é uma questão de estar continuamente ajustando pressuposições interpretativas (pressuposições que muitas vezes não são explícitas) de acordo com as enunciações a serem interpretadas. Além do mais, isso exige habilidades e conhecimentos (imaginação, atenção às atitudes e aos comportamentos dos outros, conhecimento do mundo) que não são especificamente linguísticos e que fazem parte de uma habilidade mais geral de progredir no mundo e na relação com os outros — uma habilidade que também resiste a qualquer explicação formal. Em ‘A Nice Derangement of Epitaphs’, Davidson coloca esse ponto, de um jeito provocativo, alegando que ‘não há tal coisa como uma linguagem’ (adicionando a qualificação imediata ‘não se uma linguagem é algo como aquilo que muitos filósofos e linguistas têm suposto’). Colocando menos provocativamente, o questão essencial é que as convenções linguísticas (e em particular as convenções linguísticas que tomam a forma de concordância acerca do emprego de regras sintáticas e semânticas compartilhadas), embora bem possam facilitar a compreensão, não podem ser a base para tal compreensão.

A negação, por parte de Davidson, de que convenções baseadas em regras tenham papel fundante na compreensão linguística, juntamente com sua ênfase no modo pelo qual a capacidade para a compreensão linguística deve ser vista como parte de um conjunto mais geral de capacidades para progredir no mundo, subjazem à sua muito discutida explicação da metáfora e das características relacionadas da linguagem (ver ‘What Metaphors Mean’ [1978b]). Davidson rejeita a idéia de que a linguagem metafórica possa ser explicada por referência a qualquer conjunto de regras que governem tal significado. Ao contrário, ela depende do uso de sentenças com seus significados ‘literais’ ou padronizados de maneiras que proporcionem intuições novas ou inesperadas — e como não há regras pelas quais possamos determinar o que um falante quer dizer quando enuncia uma sentença não gramatical, faz um trocadilho ou mesmo usa a linguagem de um

no rules that govern the grasp of metaphor.

4. Knowledge and Belief

‘Three Varieties of Knowledge’

In Davidson's work the question ‘what is meaning?’ is replaced by the question ‘What would a speaker need to know to understand the utterances of another?’ The result is an account that treats the theory of meaning as necessarily part of a much broader theory of interpretation and, indeed, of a much broader approach to the mental as such. This account is holistic inasmuch as it requires that any adequate theory must address linguistic and non-linguistic behaviour in its entirety. As we have already seen, this means that a theory of interpretation must adopt a compositional approach to the analysis of meaning; it must recognise the interconnected character of attitudes and of attitudes and behaviour; and it must also attribute attitudes and interpret behaviour in a way constrained by normative principles of rationality. Rationality is not, however, the only principle on which Davidson's account of radical interpretation depends. It involves, in fact, a marriage of both holistic and ‘externalist’ considerations: considerations concerning the dependence of attitudinal content on the rational connections between attitudes (‘holism’) and concerning the dependence of such content on the causal connections between attitudes and objects in the world (‘externalism’). Indeed, this marriage is evident, as we saw earlier, in the principle of charity itself and its combination of considerations of both ‘coherence’ and ‘correspondence’. Davidson holds, in fact, that attitudes can be attributed, and so attitudinal content determined, only on the basis of a triangular structure that requires interaction between at least two creatures as well as interaction between each creature and a set of common objects in the world.

Identifying the content of attitudes is a matter of identifying the objects of those attitudes, and, in the most basic cases, the objects of attitudes are identical with the causes of those same attitudes (as the cause of my belief that there is a bird outside my window is the bird outside my

modo que diverge da norma, então não há regras que governem a apreensão da metáfora.

4. Conhecimento e Crença

‘Três Variedades de Conhecimento’

No trabalho de Davidson, a questão ‘o que é o significado?’ é substituída pela questão ‘O que um falante precisa saber para entender as enunciações de outro?’ O resultado é uma explicação que trata a teoria do significado como necessariamente parte de uma teoria muito mais ampla da interpretação e, na verdade, de uma abordagem muito mais ampla do mental como tal. Esta explicação é holística, à medida que exige que qualquer teoria adequada deva tratar o comportamento lingüístico e o não lingüístico em sua plenitude. Como já vimos, isto significa que uma teoria da interpretação deve adotar uma abordagem composicional para a análise do significado; deve reconhecer o caráter interconectado das atitudes e das atitudes com o comportamento; e deve também atribuir atitudes e interpretar o comportamento de um modo restrito por princípios normativos de racionalidade. A racionalidade não é, contudo, o único princípio do qual a explicação de Davidson da interpretação radical depende. Ela envolve, de fato, um casamento de ambas as considerações, a holística e a ‘externalista’: considerações concernentes à dependência de conteúdo das atitudes nas conexões racionais entre atitudes (‘holismo’) e concernentes à dependência de tal conteúdo nas conexões causais entre atitudes e objetos no mundo (‘externalismo’). De fato, este casamento é evidente, como vimos anteriormente, no próprio princípio de caridade e sua combinação de ambas as considerações, as de ‘coerência’ e as de ‘correspondência’. Davidson considera, de fato, que as atitudes podem ser atribuídas, e, assim, o conteúdo determinado das atitudes, apenas na base de uma estrutura triangular que exige a interação entre pelo menos duas criaturas, bem como a interação entre cada criatura e um conjunto de objetos comuns no mundo.

Identificar o conteúdo de atitudes é uma questão de identificar os objetos dessas atitudes, e, nos casos mais básicos, os objetos das atitudes são idênticos às causas daquelas mesmas atitudes (assim como a causa de minha crença de que há

window). Identifying beliefs involves a process analogous to that of 'triangulation' whereby the position of an object is determined by taking a line from each of two already known locations to the object in question — the intersection of the lines fixes the position of the object (this idea first appears in 'Rational Animals [1982]). Similarly, the objects of propositional attitudes are fixed by looking to find objects that are the common causes, and so the common objects, of the attitudes of two or more speakers who are capable of observing and responding to one another's behaviour. In 'Three Varieties of Knowledge', Davidson develops the metaphor of triangulation into the idea of a three-way conceptual interdependence between knowledge of oneself, knowledge of others and knowledge of the world. Just as knowledge of language cannot be separated from our more general knowledge of the world, so Davidson argues that knowledge of oneself, knowledge of other persons and knowledge of a common, 'objective' world form an interdependent set of concepts no one of which is possible in the absence of the others.

It is this emphasis on the holistic, and externalist, character of knowledge — and so also of content — that is expressed in Davidson's well-known 'Swampman' example. In this example (in 'Knowing One's own Mind', Davidson 1987: 443-4) we are asked to imagine a situation in which a lightning strike in a swamp reduces Davidson's body to its basic elements, while simultaneously transforming a nearby dead tree into an exact replica of him. Although the resulting 'Swampman' behaves exactly like the original author of 'Radical Interpretation', Davidson denies that the 'Swampman' could properly be said to have thoughts or its words have meaning — and the reason is simply that the Swampman would lack the sort of causal history that is required in order to establish the right connections between itself, others and the world that underpin the attribution of thought and meaning. For all its notoriety, however, the Swampman example is not elaborated upon by Davidson, and the example has a very limited usefulness. In this respect, the attention Swampman has generated is quite

um pássaro do lado de fora de minha janela é o pássaro do lado de fora de minha janela). Identificar crenças envolve um processo análogo ao da 'triangulação', pelo qual a posição de um objeto é determinada traçando-se uma linha a partir de cada um dos pontos já conhecidos até o objeto em questão — a intersecção das linhas fixa a posição do objeto (esta idéia aparece pela primeira vez em 'Rational Animals [1982]). Similarmente, os objetos das atitudes proposicionais são fixados procurando-se descobrir os objetos que são as causas comuns e assim os objetos comuns das atitudes de dois ou mais falantes que são capazes de observar e responder ao comportamento de um para com o outro. Em 'Three Varieties o Knowledge', Davidson desenvolve a metáfora da triangulação na idéia de uma interdependência conceitual de três vias entre o conhecimento de si mesmo, o conhecimento de outros e o conhecimento do mundo. Como o conhecimento da linguagem não pode ser separado do nosso conhecimento mais geral do mundo, então Davidson argumenta que o conhecimento de si mesmo, o conhecimento de outras pessoas e o conhecimento de um 'mundo objetivo' comum formam um conjunto interdependente de conceitos, nenhum dos quais é possível na ausência dos outros.

É essa ênfase no caráter holístico e externalista do conhecimento — e, assim, também do conteúdo — que é expressa no bem conhecido exemplo de Davidson do 'homem do pântano'. Nesse exemplo (em 'Knowing One's own Mind', Davidson 1987: 443-4), somos convidados a imaginar uma situação na qual um relâmpago num pântano reduz o corpo de Davidson aos seus elementos básicos e, simultaneamente, transforma uma árvore morta, nas proximidades, numa réplica exata dele. Embora o 'homem do pântano' resultante se comporte exatamente como o autor original de 'Interpretação Radical', Davidson nega que se possa dizer propriamente do 'homem do pântano' que ele tenha pensamentos ou que suas palavras tenham significado — e a razão é simplesmente que ao 'homem do pântano' faltaria o tipo de história causal que é exigida para estabelecer as conexões corretas entre ele mesmo, os outros e o mundo que suportam a atribuição de pensamento e significado. Não obstante toda a sua notoriedade, o exemplo do 'homem do pântano' não é mais elaborado por Davidson e tem utilidade bastante limitada. Nesse aspecto, a

disproportionate to his extremely brief appearance in Davidson's writing.

Against Relativism and Scepticism

The inseparability of knowledge of self, from knowledge of others and of the world has a number of important epistemological implications. Since our knowledge of our own minds is not independent of our knowledge of the world nor of our knowledge of others, so we cannot treat self-knowledge as a matter of our having access to some set of private 'mental' objects. Our knowledge of ourselves arises only in relation to our involvement with others and with respect to a publically accessible world — as well as a history of such involvement (this is indeed part of the point of the Swampman example). Even so, we retain a certain authority over our own attitudes and utterances simply in virtue of the fact that those attitudes and utterances are indeed our own (see 'First-Person Authority', [1984]). Since knowledge of the world is inseparable from other forms of knowledge, so global epistemological scepticism — the view that all or most of our beliefs about the world could be false — turns out to be committed to much more than is usually supposed. Should it indeed turn out that our beliefs about the world were all, or for the most part, false, then this would not only imply the falsity of most of our beliefs about others, but it would also have the peculiar consequence of making false most of our beliefs about ourselves — including the supposition that we do indeed hold those particular false beliefs. Although this may fall short of demonstrating the falsity of such scepticism, it surely demonstrates it to be deeply problematic.

The way in which the Davidsonian rejection of scepticism does indeed derive quite directly from Davidson's adoption of a holistic, externalist approach to knowledge, and to attitudinal content in general, has sometimes been obscured by Davidson's presentation of his argument against scepticism through the employment (for the first

atenção que o 'homem do pântano' tem despertado é bastante desproporcional à sua extremamente breve aparição nos escritos de Davidson.

Contra o Relativismo e o Ceticismo

A inseparabilidade entre o conhecimento de si, o conhecimento de outros e do mundo tem várias implicações epistemológicas importantes. Visto que nosso conhecimento de nossas próprias mentes não é independente do conhecimento do mundo nem do nosso conhecimento dos outros, então não podemos tratar o autoconhecimento como uma questão de termos acesso a algum conjunto de objetos 'mentais' privados. Nosso autoconhecimento surge apenas em relação ao nosso envolvimento com os outros e com respeito a um mundo publicamente acessível — da mesma forma que uma história de tal envolvimento (isto é na verdade parte da idéia do exemplo do 'homem do pântano'). Ainda assim, retemos uma certa autoridade sobre nossas próprias atitudes e enunciações simplesmente em virtude do fato de que aquelas atitudes e enunciações são, de fato, nossas (ver 'First-Person Authority', [1984]). Visto que o conhecimento do mundo é inseparável de outras formas de conhecimento, então o ceticismo epistemológico global — a visão de que todas ou a maior parte de nossas crenças acerca do mundo poderia ser falsa — se revela comprometido com muito mais do que normalmente se supõe. Se acontecesse, com efeito, que nossas crenças acerca do mundo fossem todas ou na sua maior parte falsas, então isso não apenas implicaria a falsidade da maioria de nossas crenças acerca dos outros, mas teria também a consequência peculiar de tornar falsas a maioria de nossas crenças acerca de nós mesmos — incluindo a suposição de que nós, de fato, sustentamos aquelas crenças falsas particulares. Embora isso possa fracassar em demonstrar a falsidade de tal ceticismo, certamente demonstra que ele é profundamente problemático.

O modo pelo qual a rejeição davidsoniana do ceticismo realmente deriva bastante diretamente da adoção, por parte de Davidson, de uma abordagem holística, externalista ao conhecimento e ao conteúdo das atitudes em geral, tem sido algumas vezes obscurecido pela apresentação de Davidson de seu argumento

time in 'Thought and Talk'[1975]) of the rather problematic notion of an 'omniscient interpreter'. Such an interpreter would attribute beliefs to others and assign meanings to their utterances, but would nevertheless do so on the basis of his own, true, beliefs. The omniscient interpreter would therefore have to find a large amount of agreement between his own beliefs and the beliefs of those he interprets — and what was agreed would also, by hypothesis, be true. Like the Swampman example, however, the omniscient interpreter example has given rise to a number of complications and misunderstandings (so much so that Davidson has expressed regret at ever having deployed those examples in the first place) — and although the omniscient interpreter appears at a number of places in Davidson's writings, the idea does not appear in his later discussions, but is instead replaced by the notion of triangulation.

A feature of both the triangulation argument, and the Davidsonian account of radical interpretation, is that the attribution of attitudes must always proceed in tandem with the interpretation of utterances — identifying content, whether of utterances or of attitudes, is indeed a single project. An inability to interpret utterances (that is, an inability to assign meanings to instances of putative linguistic behaviour) will thereby imply an inability to attribute attitudes (and vice versa). A creature that we cannot interpret as capable of meaningful speech will thus also be a creature that we cannot interpret as capable of possessing contentful attitudes. Such considerations lead Davidson to deny that non-linguistic animals are capable of thought — where thought involves the possession of propositional attitudes such as beliefs or desires (see especially 'Thought and Talk'). This does not mean that such animals have no mental life at all, nor does it mean that we cannot usefully use mental concepts in explaining and predicting the behaviour of such creatures. What it does mean, however, is that the extent to which we can think of such creatures as having attitudes and a mental life like our own is measured by the extent to which we can assign determinate propositional content to the attitudes we would ascribe to those creatures. A further consequence of this view is that the idea of an untranslatable language — an idea often found in

contra ceticismo através do emprego (pela primeira vez em 'Thought and Talk' [1975]) da noção bastante problemática de um 'intérprete onisciente'. Tal intérprete atribuiria crenças a outros e atribuiria significados a suas enunciações, mas o faria, contudo, na base de suas próprias crenças verdadeiras. O intérprete onisciente teria, desse modo, de achar uma ampla quantidade de concordância entre suas próprias crenças e as crenças daqueles que ele interpreta — e aquilo sobre o que houvesse acordo teria de ser, por hipótese, verdadeiro. Como o exemplo do 'homem do pântano', todavia, o exemplo do intérprete onisciente tem dado origem a várias complicações e mal-entendidos (tantos que Davidson expressou arrependimento por sequer ter desenvolvido aqueles exemplos, em primeiro lugar) — e embora o intérprete onisciente apareça em vários lugares nos escritos de Davidson, a idéia não aparece em suas últimas discussões, sendo ao invés substituída pela noção de triangulação.

Uma característica tanto do argumento da triangulação como da explicação davidsoniana da interpretação radical é que a atribuição de atitudes deve sempre em conjunto com a interpretação de enunciações — identificando o conteúdo, seja de enunciações, seja de atitudes é, na verdade, um projeto único. Uma incapacidade para interpretar enunciações (isto é, uma incapacidade de atribuir significados a instâncias de suposto comportamento lingüístico) irá, dessa maneira, implicar uma inabilidade de atribuir atitudes (e vice-versa). Uma criatura que não podemos interpretar como capaz de uma fala significativa será, então, também uma criatura que não podemos interpretar como capaz de possuir atitudes significativas. Tais considerações levam Davidson a negar que animais não lingüísticos sejam capazes de pensamento — onde o pensamento envolve a posse de atitudes proposicionais, como crenças ou desejos (ver especialmente 'Thought and Talk'). Isso não significa que tais animais não tenham absolutamente vida mental, nem significa que não possamos usar de forma útil conceitos mentais para explicar e prever o comportamento de tais criaturas. O que isso significa, contudo, é que o quanto podemos pensar tais criaturas como tendo atitudes e uma vida mental como a nossa é medido pelo quanto podemos atribuir determinado conteúdo proposicional às atitudes

association with the thesis of conceptual relativism — cannot be given any coherent formulation. Inability to translate counts as evidence, not of the existence of an untranslatable language, but of the absence of a language of any sort (see ‘On the Very Idea of a Conceptual Scheme’ [1974])

The ‘Third Dogma’ of Empiricism

Davidson's rejection of the idea of an untranslatable language (and the associated idea, also common to many forms of conceptual relativism, of a radically different, and so ‘incommensurable’ system of belief) is part of a more general argument that he advances (notably in ‘On the Very Idea of a Conceptual Scheme’) against the so-called ‘third dogma’ of empiricism. The first two dogmas are those famously identified by Quine in ‘Two Dogmas of Empiricism’ (first published in the *Philosophical Review*, in 1951). The first is that of reductionism (the idea that, for any meaningful statement, it can be recast in the language of pure sensory experience, or, at least, in terms of a set of confirmatory instances), while the second is the analytic-synthetic distinction (the idea that, with respect to all meaningful statements, one can distinguish between statements that are true in virtue of their meaning and those that are true in virtue of both their meanings and some fact or facts about the world). The rejection of both these dogmas can be seen as an important element throughout Davidson's thinking. The third dogma, which Davidson claims can still be discerned in Quine's work (and so can survive the rejection even of the analytic-synthetic distinction), consists in the idea that one can distinguish within knowledge or experience between a conceptual component (the ‘conceptual scheme’) and an empirical component (the ‘empirical content’) — the former is often taken to derive from language and the later from experience, nature or some form of ‘sensory input’. While there are difficulties in even arriving at a clear formulation of this distinction (particularly so far as the nature of the relation between the two components is concerned), such a distinction depends on being able to distinguish, at some

que atribuiríamos àquelas criaturas. Uma consequência adicional dessa concepção é que a idéia de uma linguagem intraduzível — uma idéia muitas vezes encontrada em associação com a tese do relativismo conceitual — não pode receber qualquer formulação coerente. Incapacidade de traduzir conta como evidência não da existência de uma linguagem intraduzível, mas da ausência de uma linguagem de qualquer tipo (ver ‘On the Very Idea of a Conceptual Scheme’ [1974]).

O ‘Terceiro Dogma’ do Empirismo

A rejeição de Davidson da idéia de uma linguagem intraduzível (e da idéia associada, também comum a várias formas de relativismo conceitual, de um sistema radicalmente diferente e, assim, ‘incomensurável’) faz parte de um argumento mais geral que ele avança (notavelmente em ‘On a Very Idea of a Conceptual Scheme’) contra o assim chamado ‘terceiro dogma’ do empirismo. Os dois primeiros dogmas são aqueles notoriamente identificados por Quine em ‘Two Dogmas of Empiricism’ (publicado pela primeira vez em *Philosophical Review*, em 1951). O primeiro é aquele do reducionismo (a idéia de que, para qualquer enunciado significativo, ele pode ser rephraseado na linguagem da pura experiência sensorial, ou, pelo menos, em termos de um conjunto de instâncias confirmatórias), enquanto o segundo é a distinção analítico-sintético (a idéia que, com respeito a todos os enunciados significativos, alguém pode distinguir entre enunciados que são verdadeiros em virtude do seu significado e aqueles que são verdadeiros em virtude tanto dos seus significados como de algum fato ou fatos acerca do mundo). A rejeição de ambos esses dogmas pode ser vista como um elemento importante perpassando o pensamento de Davidson. O terceiro dogma, que Davidson alega poder ainda ser discernido no trabalho de Quine (e assim pode sobreviver até mesmo à rejeição da distinção analítico-sintético), consiste na idéia de que alguém pode distinguir, no interior do conhecimento ou da experiência, entre um componente conceitual (o ‘esquema conceitual’) e um componente empírico (o ‘conteúdo empírico’) — o primeiro é muitas vezes considerado derivado da linguagem e o último, da experiência, da natureza ou de alguma forma de ‘entrada sensorial’. Embora haja dificuldades até

basic level, between a 'subjective' contribution to knowledge that comes from ourselves and an 'objective' contribution that comes from the world. What the Davidsonian account of knowledge and interpretation demonstrates, however, is that no such distinction can be drawn. Attitudes are already interconnected — causally, semantically and epistemically — with objects and events in the world; while knowledge of self and others already presupposes knowledge of the world. The very idea of a conceptual scheme is thus rejected by Davidson along with the idea of any strong form of conceptual relativism. To possess attitudes and be capable of speech is already to be capable of interpreting others and to be open to interpretation by them.

Realism, Anti-Realism and Theories of Truth

Davidson emphasises the holistic character of the mental (both in terms of the interdependence that obtains between various forms of knowledge as well as the interconnected character of attitudes and of attitudes and behaviour). He has, at times, also referred to his position as involving a 'coherence' theory of truth and of knowledge (in 'A Coherence Theory of Truth and Knowledge' [1983]). Nevertheless, Davidson is not a coherentist, in any standard sense, about either truth or knowledge. Nor, for all that he adopts a Tarskian approach to meaning, does he espouse a correspondence theory of truth. Davidson eschews any attempt to provide an account of the nature of truth, maintaining that truth is an absolutely central concept that cannot be reduced to or replaced by any other notion (see 'The Structure and Content of Truth' [Davidson, 1990a]). His employment of the notion of coherence is best seen as reflecting his commitment to the fundamentally rational and holistic character of the mind. It can also be seen to be tied to Davidson's rejection of those forms of epistemological foundationalism that would attempt to ground knowledge or belief in the sensory causes of belief — beliefs, as one might expect given Davidson's holistic approach, can find evidential support only in other beliefs.

mesmo em se chegar a uma formulação clara dessa distinção (particularmente até onde [o assunto] diga respeito à natureza da relação entre os dois componentes), tal distinção depende do ser apto em distinguir, em algum nível básico, entre uma contribuição 'subjéitiva' ao conhecimento, que vem de nós mesmos, e uma contribuição 'objetiva', que vem do mundo. O que a explicação davidsoniana do conhecimento e da interpretação demonstra, contudo, é que uma tal distinção não pode ser extraída. Atitudes estão já interconectadas — causalmente, semanticamente e epistemicamente — com objetos e eventos no mundo; enquanto o conhecimento de si e dos outros já pressupõe conhecimento do mundo. A própria idéia de um esquema conceitual é assim rejeitada por Davidson juntamente com a idéia de qualquer forma forte de relativismo conceitual. Possuir atitudes e ser capaz de fala já é ser capaz de interpretar os outros e de ser aberto à interpretação por parte deles.

Realismo, Anti-Realismo e Teorias da Verdade

Davidson enfatiza o caráter holístico do mental (tanto em termos da interdependência que se obtém entre varias formas de conhecimento como do caráter interconectado das atitudes e das atitudes e comportamento). Ele tem, algumas vezes, também se referido à sua posição como envolvendo uma teoria da 'coerência' da verdade e do conhecimento (em 'A Coherence Theory of Truth and Knowledge' [1933]). Contudo, Davidson não é um coerentista, em qualquer sentido padrão, seja acerca da verdade, seja do conhecimento. Nem, apesar de adotar uma abordagem tarskiana do significado, esposa ele uma teoria da verdade como correspondência. Davidson abstém-se de qualquer tentativa de proporcionar uma explicação da natureza da verdade, mantendo que a verdade é um conceito absolutamente central que não pode ser reduzido ou substituído por qualquer outra noção (ver 'The Structure and Content of Truth' [Davidson, 1990a]). Seu emprego da noção de coerência é melhor visto como refletindo o compromisso com o caráter fundamentalmente racional e holístico da mente. Pode também ser visto como atrelado à rejeição de Davidson daquelas formas de fundamentalismo epistemológico que tentariam fundar o conhecimento ou a crença nas causas sensoriais da crença — crenças, como se poderia

Similarly, Davidson's sometime employment of the notion of correspondence is best understood, not as providing, any direct elucidation of the nature of truth, but rather as deriving from his externalist commitment to the idea that the content of belief is dependent upon the worldly causes of belief. In 'True to the Facts' (1969b) Davidson does defend what he there presents as a form of correspondence theory of truth. However, not only has Davidson since relinquished the claim that his is a 'correspondence' view of truth (see 'The Structure and Content of Truth'), but the account set out in 'True to the Facts' is, in any case, far removed from what is usually taken to be involved in any correspondence theory.

Since Davidson rejects both sceptical and relativist positions, while nevertheless insisting of the indispensability of an irreducibly basic concept of objective truth, Davidson cannot be easily situated with respect to the realist/anti-realist controversy that, until quite recently, was a major concern of many anglo-american philosophers. The Davidsonian position has, nevertheless, been variously assimilated, at different times and by different critics, to both the realist and the anti-realist camp. Yet realism and anti-realism are equally unsatisfactory from a Davidsonian point of view, since neither is compatible with the holistic and externalist character of knowledge and belief. Realism makes truth inaccessible (inasmuch as it admits the sceptical possibility that even our best-confirmed theories about the world could all be false), while anti-realism makes truth too epistemic (inasmuch as it rejects the idea of truth as objective). In this respect, and as he himself makes clear (see 'The Structure and Content of Truth'), Davidson does not merely reject the specific premises that underlie the realist and anti-realist positions, but views the very dispute between them as essentially misconceived. This reflects a characteristic feature of Davidson's thinking in general (and not just as it relates to realism and anti-realism), namely its resistance to any simple classification using the standard philosophical categories of the day.

esperar da abordagem holística de Davidson, somente podem encontrar suporte evidencial em outras crenças. Similarmente, o emprego ocasional da noção de correspondência é melhor entendido não como proporcionando qualquer elucidção direta da natureza da verdade, mas de preferência como se originando de seu compromisso externalista com a idéia de que o conteúdo da crença é dependente das suas causas mundanas. Em 'True to the Facts' (1969b) Davidson realmente defende o que ele ali apresenta como uma forma de teoria da verdade como correspondência. Contudo, não apenas tem Davidson abandonou, desde então, a alegação de que a sua é uma concepção da verdade como 'correspondência' (ver 'The Structure and Content of Truth'), mas a explicação exposta em 'True to the Facts' está, de qualquer forma, muito afastada do que usualmente se considera envolvido por qualquer teoria da correspondência.

Visto que Davidson rejeita tanto a posição cética como a relativista, enquanto, todavia, insiste na indispensabilidade de um conceito básico irredutível de verdade objetiva, ele não pode ser facilmente situado com respeito à controvérsia realismo/anti-realismo que, até bem recentemente, era uma preocupação maior de muitos filósofos anglo-americanos. A posição davidsoniana tem sido assimilada, contudo, de várias formas, em tempos diferentes e por diferentes críticos, tanto ao campo realista como ao anti-realista. Todavia, realismo e anti-realismo, são igualmente insatisfatórios de um ponto de vista davidsoniano, visto que nenhum dos dois é compatível com o caráter holístico e externalista do conhecimento e da crença. O realismo torna a verdade inacessível (à medida que admite a possibilidade cética de que mesmo nossas teorias melhor confirmadas acerca do mundo poderiam ser todas falsas), enquanto o anti-realismo torna a verdade demasiadamente epistêmica (à medida que rejeita a idéia de verdade como objetiva). A esse respeito, e como ele mesmo deixa claro (ver 'A estrutura e o Conteúdo da Verdade'), Davidson não rejeita meramente as premissas específicas que subjazem às posições realistas e anti-realistas, mas vê a própria disputa entre eles como essencialmente mal concebida. Isto reflete um traço característico do pensamento de Davidson em geral (e não apenas no que diz respeito a realismo e anti-

philosophical categories of the day.

Bibliography

An extensive bibliography of primary and secondary material, compiled by Davidson himself, is contained in Hahn (ed.), 1999. It should be noted that in addition to the three volumes of collected papers listed below, a further two volumes, titled *Problems of Rationality and Truth, Language and History*, are scheduled to appear in the near future.

Primary Works

- 1957, *Decision-Making: An Experimental Approach*, with P. Suppes, Stanford: Stanford University Press, reprinted, 1977, Chicago: University of Chicago Press, Midway Reprint Series.
- 1963, 'Actions, Reasons and Causes', *Journal of Philosophy*, 60, reprinted in Davidson, 2001a.
- 1967a, 'Causal Relations', *Journal of Philosophy*, 64, reprinted in Davidson, 2001a.
- 1967b, 'The Logical Form of Action Sentences', in Nicholas Rescher (ed.), *The Logic of Decision and Action*, Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, reprinted in Davidson, 2001a.
- 1967c, 'Truth and Meaning', *Synthese*, 17, reprinted in Davidson, 2001b.
- 1968, 'On Saying That', *Synthese*, 19, reprinted in Davidson, 2001b.
- 1969a, 'The Individuation of Events', in Nicholas Rescher (ed.), *Essays in Honor of Carl G. Hempel*, Dordrecht: D. Reidel, reprinted in Davidson, 2001a.
- 1969b, 'True to the Facts', *Journal of Philosophy*, 66, reprinted in Davidson, 2001b.
- 1970a, 'How is Weakness of the Will Possible?', in Joel Feinberg (ed.), *Moral Concepts*, Oxford: Oxford University Press, reprinted in Davidson 2001a.
- 1970b, 'Mental Events', in Lawrence Foster and J. W. Swanson (eds.), *Experience and Theory*, London:

realismo), a saber, sua resistência a qualquer classificação usando as categorias filosóficas padronizadas do momento.

Bibliografia

Uma bibliografia abrangente do material primário e secundário, compilada pelo próprio Davidson, está contida em Hahn (ed.), 1999. Deve ser observado que, em acréscimo aos três volumes de artigos reunidos listados abaixo, um adicional de dois volumes, intitulado *Problemas de Racionalidade e Verdade, Linguagem e História*, está programada para aparecer num futuro próximo.

Obras Primárias

- 1957, *Decision-Making: An Experimental Approach*, with P. Suppes, Stanford: Stanford University Press, reprinted, 1977, Chicago: University of Chicago Press, Midway Reprint Series.
- 1963, 'Actions, Reasons and Causes', *Journal of Philosophy*, 60, reprinted in Davidson, 2001a.
- 1967a, 'Causal Relations', *Journal of Philosophy*, 64, reprinted in Davidson, 2001a.
- 1967b, 'The Logical Form of Action Sentences', in Nicholas Rescher (ed.), *The Logic of Decision and Action*, Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, reprinted in Davidson, 2001a.
- 1967c, 'Truth and Meaning', *Synthese*, 17, reprinted in Davidson, 2001b.
- 1968, 'On Saying That', *Synthese*, 19, reprinted in Davidson, 2001b.
- 1969a, 'The Individuation of Events', in Nicholas Rescher (ed.), *Essays in Honor of Carl G. Hempel*, Dordrecht: D. Reidel, reprinted in Davidson, 2001a.
- 1969b, 'True to the Facts', *Journal of Philosophy*, 66, reprinted in Davidson, 2001b.
- 1970a, 'How is Weakness of the Will Possible?', in Joel Feinberg (ed.), *Moral Concepts*, Oxford: Oxford University Press, reprinted in Davidson 2001a.
- 1970b, 'Mental Events', in Lawrence Foster and J. W. Swanson (eds.),

<p>Duckworth, reprinted in Davidson, 2001a.</p> <ul style="list-style-type: none"> • 1971, 'Agency', in Robert Binkley, Richard Bronaugh, and Ausonia Marras (eds.), <i>Agent, Action, and Reason</i>, Toronto: University of Toronto Press, reprinted in Davidson, 2001a. • 1973, 'Radical Interpretation', <i>Dialectica</i>, 27, reprinted in Davidson, 2001b. • 1974, 'On the Very Idea of a Conceptual Scheme', <i>Proceedings and Addresses of the American Philosophical Association</i>, 47, reprinted in Davidson, 20901b. • 1975, 'Thought and Talk', in S. Guttenplan (ed.), <i>Mind and Language</i>, Oxford: Oxford University Press. • 1977, 'The Method of Truth in Metaphysics', in P.A. French, T.E.Uehling Jr., and H.K.Wettstein (eds.), <i>Midwest Studies in Philosophy 2: Studies in the Philosophy of Language</i>, Morris: University of Minnesota Press, reprinted in Davidson, 2001b. • 1978a, 'Intending', in Yirmiahu Yovel (ed.), <i>Philosophy of History and Action</i>, Dordrecht: D. Reidel, reprinted in Davidson 2001a. 1978b, 'What Metaphors Mean', <i>Critical Inquiry</i>, 5, reprinted in Davidson 2001b. 1979a, 'Moods and Performances', in A. Margalit (ed.), <i>Meaning and Use</i>, Dordrecht: D. Reidel, reprinted in Davidson, 2001b. • 1979b, 'Quotation', <i>Theory and Decision</i>, 11, reprinted in Davidson, 2001b. • 1982a, 'Rational Animals', <i>Dialectica</i>, 36, reprinted in Davidson, 2001c. • 1982b, 'Two Paradoxes of Irrationality', in R. Wollheim and J. Hopkins (eds.) <i>Philosophical Essays on Freud</i>, Cambridge: Cambridge University Press, 289-305. • 1983, 'A Coherence Theory of Truth and Knowledge', in D. Henrich (ed.), <i>Kant oder Hegel?</i>, Stuttgart: Klett-Cotta, reprinted in LePore, 1986, and Davidson, 2001c. • 1984, 'First-Person Authority', <i>Dialectica</i>, 38, reprinted in Davidson, 2001b. • 1985a, 'Adverbs of Action', in Vermazen and Hintikka (eds.), 1985, reprinted in Davidson, 2001a. • 1985b, 'Reply to Quine on Events', in LePore and McLaughlin, (eds), 1985, 	<p><i>Experience and Theory</i>, London: Duckworth, reprinted in Davidson, 2001a.</p> <ul style="list-style-type: none"> • 1971, 'Agency', in Robert Binkley, Richard Bronaugh, and Ausonia Marras (eds.), <i>Agent, Action, and Reason</i>, Toronto: University of Toronto Press, reprinted in Davidson, 2001a. • 1973, 'Radical Interpretation', <i>Dialectica</i>, 27, reprinted in Davidson, 2001b. • 1974, 'On the Very Idea of a Conceptual Scheme', <i>Proceedings and Addresses of the American Philosophical Association</i>, 47, reprinted in Davidson, 20901b. • 1975, 'Thought and Talk', in S. Guttenplan (ed.), <i>Mind and Language</i>, Oxford: Oxford University Press. • 1977, 'The Method of Truth in Metaphysics', in P.A. French, T.E.Uehling Jr., and H.K.Wettstein (eds.), <i>Midwest Studies in Philosophy 2: Studies in the Philosophy of Language</i>, Morris: University of Minnesota Press, reprinted in Davidson, 2001b. • 1978a, 'Intending', in Yirmiahu Yovel (ed.), <i>Philosophy of History and Action</i>, Dordrecht: D. Reidel, reprinted in Davidson 2001a. 1978b, 'What Metaphors Mean', <i>Critical Inquiry</i>, 5, reprinted in Davidson 2001b. 1979a, 'Moods and Performances', in A. Margalit (ed.), <i>Meaning and Use</i>, Dordrecht: D. Reidel, reprinted in Davidson, 2001b. • 1979b, 'Quotation', <i>Theory and Decision</i>, 11, reprinted in Davidson, 2001b. • 1982a, 'Rational Animals', <i>Dialectica</i>, 36, reprinted in Davidson, 2001c. • 1982b, 'Two Paradoxes of Irrationality', in R. Wollheim and J. Hopkins (eds.) <i>Philosophical Essays on Freud</i>, Cambridge: Cambridge University Press, 289-305. • 1983, 'A Coherence Theory of Truth and Knowledge', in D. Henrich (ed.), <i>Kant oder Hegel?</i>, Stuttgart: Klett-Cotta, reprinted in LePore, 1986, and Davidson, 2001c. • 1984, 'First-Person Authority', <i>Dialectica</i>, 38, reprinted in Davidson, 2001b. • 1985a, 'Adverbs of Action', in Vermazen and Hintikka (eds.), 1985, reprinted in Davidson, 2001a. • 1985b, 'Reply to Quine on Events', in
--	--

reprinted in Davidson, 2001a.

- 1986, 'A Nice Derangement of Epitaphs', in LePore (ed.), 1986.
- 1987, 'Knowing One's Own Mind', in *Proceedings and Addresses of the American Philosophical Association* 61: 441-58, reprinted in Davidson, 2001c.
- 1990a, 'The Structure and Content of Truth' (The Dewey Lectures 1989), *Journal of Philosophy* 87: 279-328.
- 1990b, *Plato's 'Philebus'*, New York: Garland Publishing.
- 1991, 'Three Varieties of Knowledge', in A. Phillips Griffiths (ed.), *A.J.Ayer Memorial Essays: Royal Institute of Philosophy Supplement* 30, Cambridge: Cambridge University Press, reprinted in Davidson, 2001c.
- 1993, 'Thinking Causes' in John Heil and Alfred Mele (eds.), *Mental Causation*, Oxford: Clarendon Press.
- 1995, 'Laws and Causes,' *Dialectica* 49.
- 1999, 'Intellectual Autobiography', in Hahn (ed.), 1999.
- 2001a, *Essays on Actions and Events*, Oxford: Clarendon Press, 2nd edn,
- 2001b, *Inquiries into Truth and Interpretation*, Oxford: Clarendon Press, 2nd edn.
- 2001c, *Subjective, Intersubjective, Objective*, Oxford: Clarendon Press.

Secondary Works

- Dasenbrock, Reed Way (ed.), 1993, *Literary Theory After Davidson*, University Park: Pennsylvania University Press.
- Dummett, Michael, 1975, 'What is a Theory of Meaning', in S. Guttenplan (ed.), *Mind and Language*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Eynine, Simon, 1991, *Donald Davidson*, Cambridge: Polity Press.
- Fodor, Jerry and Ernest LePore, 1992, *Holism: A Shopper's Guide*, Oxford: Blackwell.
- Hahn, Lewis Edwin (ed.), 1999, *The Philosophy of Donald Davidson, Library of Living Philosophers XXVII*, Chicago: Open Court.
- Kotatko, Petr, Peter Pagin and Gabriel Segal (eds.), 2001, *Interpreting Davidson*,

LePore and McLaughlin, (eds), 1985, reprinted in Davidson, 2001a.

- 1986, 'A Nice Derangement of Epitaphs', in LePore (ed.), 1986.
- 1987, 'Knowing One's Own Mind', in *Proceedings and Addresses of the American Philosophical Association* 61: 441-58, reprinted in Davidson, 2001c.
- 1990a, 'The Structure and Content of Truth' (The Dewey Lectures 1989), *Journal of Philosophy* 87: 279-328.
- 1990b, *Plato's 'Philebus'*, New York: Garland Publishing.
- 1991, 'Three Varieties of Knowledge', in A. Phillips Griffiths (ed.), *A.J.Ayer Memorial Essays: Royal Institute of Philosophy Supplement* 30, Cambridge: Cambridge University Press, reprinted in Davidson, 2001c.
- 1993, 'Thinking Causes' in John Heil and Alfred Mele (eds.), *Mental Causation*, Oxford: Clarendon Press.
- 1995, 'Laws and Causes,' *Dialectica* 49.
- 1999, 'Intellectual Autobiography', in Hahn (ed.), 1999.
- 2001a, *Essays on Actions and Events*, Oxford: Clarendon Press, 2nd edn,
- 2001b, *Inquiries into Truth and Interpretation*, Oxford: Clarendon Press, 2nd edn.
- 2001c, *Subjective, Intersubjective, Objective*, Oxford: Clarendon Press.

Obras Secundárias

- Dasenbrock, Reed Way (ed.), 1993, *Literary Theory After Davidson*, University Park: Pennsylvania University Press.
- Dummett, Michael, 1975, 'What is a Theory of Meaning', in S. Guttenplan (ed.), *Mind and Language*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Eynine, Simon, 1991, *Donald Davidson*, Cambridge: Polity Press.
- Fodor, Jerry and Ernest LePore, 1992, *Holism: A Shopper's Guide*, Oxford: Blackwell.
- Hahn, Lewis Edwin (ed.), 1999, *The Philosophy of Donald Davidson, Library of Living Philosophers XXVII*, Chicago: Open Court.
- Kotatko, Petr, Peter Pagin and Gabriel

<p>Stanford: CSLI Publications.</p> <ul style="list-style-type: none"> • LePore, Ernest (ed.), 1986, <i>Truth and Interpretation: Perspectives on the Philosophy of Donald Davidson</i>, Oxford: Basil Blackwell. • LePore, Ernest and Brian McLaughlin (eds.), 1985, <i>Actions and Events: Perspectives on the Philosophy of Donald Davidson</i>, Oxford: Basil Blackwell. • Malpas, J. E., 1992, <i>Donald Davidson and the Mirror of Meaning</i>, Cambridge: Cambridge University Press. • Preyer, Gerhard, Frank Siebelt and Alexander Ulfig (eds.), 1994, <i>Language, Mind and Epistemology</i>, Dordrecht: Kluwer. • Ramberg, Bjorn, 1989, <i>Donald Davidson's Philosophy of Language: An Introduction</i>, Oxford: Basil Blackwell. • Stoecker, Ralf (ed.), 1993, <i>Reflecting Davidson</i>, Berlin: W. de Gruyter. • Zeglen, Ursula M. (ed.), 1991, <i>Donald Davidson: Truth, meaning and knowledge</i>, London: Routledge. 	<p>Segal (eds.), 2001, <i>Interpreting Davidson</i>, Stanford: CSLI Publications.</p> <ul style="list-style-type: none"> • LePore, Ernest (ed.), 1986, <i>Truth and Interpretation: Perspectives on the Philosophy of Donald Davidson</i>, Oxford: Basil Blackwell. • LePore, Ernest and Brian McLaughlin (eds.), 1985, <i>Actions and Events: Perspectives on the Philosophy of Donald Davidson</i>, Oxford: Basil Blackwell. • Malpas, J. E., 1992, <i>Donald Davidson and the Mirror of Meaning</i>, Cambridge: Cambridge University Press. • Preyer, Gerhard, Frank Siebelt and Alexander Ulfig (eds.), 1994, <i>Language, Mind and Epistemology</i>, Dordrecht: Kluwer. • Ramberg, Bjorn, 1989, <i>Donald Davidson's Philosophy of Language: An Introduction</i>, Oxford: Basil Blackwell. • Stoecker, Ralf (ed.), 1993, <i>Reflecting Davidson</i>, Berlin: W. de Gruyter. • Zeglen, Ursula M. (ed.), 1991, <i>Donald Davidson: Truth, meaning and knowledge</i>, London: Routledge.
---	---